



Perspetiva

Edição n.º 36 | Dezembro 2024

Atual



GEDII



Grupo de Estudos da Doença Inflamatória Intestinal (GEDII) celebra duas décadas de história

Grupo de Estudos da Doença Inflamatória Intestinal (GEDII)

GEDII celebra 20 anos de avanços no estudo e tratamento das Doenças Inflamatórias Intestinais



Numa entrevista reveladora, Raquel Gonçalves, Presidente do Grupo de Estudos da Doença Inflamatória Intestinal (GEDII), destaca o papel do grupo nestes últimos 20 anos, na pesquisa e no trabalho colaborativo que contribuem para o avanço do diagnóstico e tratamento destas condições. Com uma visão focada no paciente, lidera uma equipa empenhada em não apenas inovar nos cuidados médicos, mas também em aumentar a consciencialização sobre as Doenças Inflamatórias Intestinais (DII). A presidente partilha ainda os desafios enfrentados pelos profissionais da área e a necessidade de um esforço integrado entre instituições, profissionais e pacientes para transformar a realidade das pessoas afetadas.



Raquel Gonçalves, Presidente do GEDII

Perspetiva Atual: Para contextualizar os nossos leitores, o que nos pode explicar acerca das Doenças Inflamatórias Intestinais (DII)? Como é que estas se manifestam, que impacto têm na qualidade de vida dos pacientes, e porque são consideradas um desafio crescente para os sistemas de saúde em Portugal e no mundo?

Raquel Gonçalves: As doenças inflamatórias intestinais (DII) são doenças crónicas que atingem o tubo digestivo (sobretudo o cólon e o intestino delgado), mas que podem atingir outros segmentos e também outros órgãos. Quando falamos de DII, referimo-nos, fundamentalmente à Colite Ulcerosa e à Doença de Crohn.

A incidência e prevalência têm aumentado nas últimas décadas, sobretudo nos chamados países desenvolvidos. Em Portugal estima-se que a prevalência ronde os 146 doentes por 100.000 habitantes.

Manifestam-se, mais frequentemente, em idades jovens, podendo também atingir crianças e adolescentes. As manifestações clínicas mais habituais são a diarreia com ou sem sangue, dor abdominal, fadiga, emagrecimento e anemia. Por vezes pode atingir outros órgãos, nomeadamente articulações, pele e olhos. Estas

doenças têm grande impacto na qualidade de vida, com períodos de exacerbação e de remissão e implicam um acompanhamento médico para toda a vida.

Nos últimos anos a evolução foi significativa em várias áreas do conhecimento da DII. No diagnóstico, para além da endoscopia, a imagem (por TAC, RMN ou ultrassonografia) tornou-se fulcral porque permite avaliar a extensão da inflamação e os seus múltiplos componentes; a monitorização por índices de atividade clínica, acompanhados de biomarcadores é fundamental, existindo o entendimento de que é necessário ir mais longe, procurando a inflamação subclínica, numa tentativa de alterar o prognóstico da doença. Em termos terapêuticos temos atualmente um manancial de fármacos, com diferentes alvos terapêuticos, permitindo quebrar a refratariedade da doença e almejar que os doentes tenham elevados índices de qualidade de vida. Contudo, o que mais progrediu nos últimos anos foi o conceito de alvo terapêutico bem definido, com monitorização contínua e tratamento precoce e atempado numa janela de oportunidade.

O impacto da DII nas unidades de saúde é muito relevante, pelos recursos diferenciados que exige na sua abordagem, pela mudança necessária de paradigma na organização das unidades de DII, pelo número e complexidade crescente de doentes e pelo investimento no diagnóstico e terapêutica precoces. É urgente conseguirmos abordar e mudar a história natural da doença e devolver a qualidade de vida aos doentes.

PA: Celebrando os 20 anos do grupo, que balanço faz da trajetória do GEDII? Quais os momentos e marcos mais relevantes na evolução do grupo e como esses moldaram o panorama das DII em Portugal?

RG: O GEDII tem um conjunto de objetivos bem definidos e que regem a nossa atividade, focados em promover o conhecimento científico e formar para as doenças inflamatórias intestinais.

O GEDII conseguiu criar nestes 20 anos uma estrutura organizacional de ensino, desenvolvimento e fomento de ciência no âmbito da doença inflamatória intestinal (DII). Tem sido o motor da DII e é o líder nacional da procura de conhecimento no diagnóstico, monitorização e abordagem terapêutica.

Desenvolvemos 20 estudos científicos, temos 89 publicações indexadas com elevado fator de impacto

e desses artigos resultaram 2000 citações; atribuímos 39 bolsas de investigação no valor de 800.000.00 euros, apoiamos 14 doutoramentos, realizamos 15 reuniões anuais (80 oradores internacionais), 31 cursos de formação e estamos na génese do conceituado curso para internos e jovens especialistas com 5 países envolvidos (5-Nations: Portugal, Espanha, Itália, França e Israel). Criamos ciência e conhecimento, exploramos a troca de ideias e incentivamos o que de mais importante existe nas sociedades científicas e na vida: aprendizagem com amizade.

PA: Em duas décadas, o grupo consolidou a sua atuação, mas certamente enfrentou desafios. Quais foram as resistências mais inesperadas, sejam institucionais ou científicas e de que forma o grupo as superou para se afirmar como um pilar nacional na área?

RG: No início, o objetivo foi criar um grupo motivado, empenhado, com energia empreendedora e vontade de fazer o que nunca tinha sido alcançado, isto é, sermos ambiciosos, diferentes e com capacidade edificadora. Depois o grande desafio foi manter a equipa unida, coesa e com energia renovada. Neste momento o maior desafio é criar uma estrutura sólida que queira continuar a obra realizada, passar o testemunho às novas gerações.

Ontem, hoje e no futuro, o maior desafio é promover a motivação dos profissionais, que estão, como sabemos, assoberbados pelo seu trabalho assistencial. É preciso incentivar a chama da curiosidade e da paixão pela ciência e pelo ensino e investigação, tendo como objetivo último o tratar bem e melhor os nossos doentes. O GEDII procura envolver as várias classes profissionais numa tentativa de encontrar as melhores respostas às necessidades dos doentes com DII. Em Portugal, a cultura da multidisciplinaridade ainda não é tão robusta como seria desejável e os trabalhos multicêntricos são escassos e de difícil execução. O GEDII propõe-se fazer as pontes e criar as condições com o conhecimento e experiência que foi angariando e fortalecendo ao longo dos anos.

Em termos mais práticos, temos o desafio constante de manter a estrutura do grupo sólida, consistente e sustentável. É necessário congregarmos vontades, trabalho e apoios de várias ordens, nomeadamente logístico e financeiro que nos permitam manter a atividade.

PA: Uma vez que “a causa ou causas destas doenças são desconhecidas e não existe cura”, qual é a importância da prevenção e o verdadeiro papel dos profissionais?

RG: A causa da DII é desconhecida pelo que, atualmente, a prevenção não é possível. No entanto, a adoção de estilos de vida saudáveis, nomeadamente em termos alimentares (evitar açúcares refinados e comidas processadas, entre outras medidas) e a prática regular de exercício físico e contacto com a natureza poderão evitar estas e outras doenças relacionadas com desregulação do sistema imunitário.

Cabe-nos a nós, médicos e ao GEDII enquanto estrutura, promover a literacia para a saúde digestiva entre médicos e outras classes profissionais e na população geral. Além do papel pedagógico que os profissionais de saúde devem ter na prevenção, deteção e tratamento precoces, a ciência está em permanente evolução e a identificação de fatores genéticos ligados à génese da DII e ao seu padrão de evolução, a inteligência artificial e a criação de modelos preditivos, irão alterar o paradigma da gestão destas doenças, no futuro.

PA: Com a crescente ênfase em prevenção e qualidade de vida, de que forma o GEDII tem contribuído para a sensibilização da sociedade em relação a estas doenças e qual é a relevância desse trabalho num contexto de saúde pública em Portugal?

RG: O GEDII, de certa forma, colocou a DII na ordem do dia e contribuiu muito para a divulgação destas doenças entre a comunidade médica e não médica, nos últimos 20 anos. Em primeiro lugar, foram efetuados pelo GEDII, estudos indiretos de incidência e prevalência da DII em Portugal, no sentido de atualizar dados e nos dar uma base mais sólida de conhecimento da nossa realidade. Não há programação e estratégia de controlo de uma doença sem conhecimento epidemiológico da mesma pelos decisores e pelos atores dessa tarefa, no terreno.

O GEDII tem uma base de dados nacional que poderá constituir uma verdadeira referência de conhecimento do número e características dos doentes com DII em Portugal. Este é um objetivo antigo do grupo, que tem deparado com várias dificuldades, mas no qual continuamos a acreditar e que estamos a renovar e melhorar, no sentido de ser mais abrangente e fácil de usar na prática clínica.

Além da divulgação interna, interpares e para outros grupos de profissionais envolvidos no tratamento da doença, colaboramos na divulgação e esclarecimento junto dos doentes (sobretudo através de colaboração com associações de doentes, em fóruns, entrevistas, artigos, podcasts ou outros meios de chegar à população geral).



Curso Formação 2022



Direção GEDII

PA: Considerando o contexto particular do sistema de saúde português, de que forma o grupo tem equilibrado a missão de ser um grupo de referência científica com a necessidade de gerar impacto prático no tratamento das DII?

RG: No caso do GEDII, a missão de ser um grupo de referência científica e a necessidade de gerar impacto prático no tratamento da DII complementam-se e, diria mesmo que são indissociáveis. O conhecimento científico mistura ciência básica e ensinamentos da prática clínica, que, ao serem analisados e sistematizados, constituem o corpo real da ciência. Esta só tem verdadeiro interesse se puder ser aplicada ao serviço das pessoas, na melhoria da vida de cada um.

PA: No site do grupo é possível receber orientações clínicas e existe ainda uma área do doente. O que nos pode contar sobre o objetivo e o impacto deste serviço, para quem consulta o site?

RG: O site do grupo é a nossa interface mais visível para além das reuniões e cursos anuais. Tem como público-alvo, por um lado os médicos e outros profissionais de saúde, nomeadamente psicólogos, nutricionistas e enfermeiros e por outro lado os doentes e a população geral. O objetivo é divulgar a atividade do GEDII e também as ações de formação e investigação bem como artigos científicos relevantes.

Para os doentes ou outras pessoas que visitem o site, existem informações e esclarecimentos de dúvidas que consideramos pertinentes e relevantes, em linguagem e formato mais acessíveis ao público geral.

PA: Em que áreas específicas o grupo vê a maior necessidade de progresso, seja na investigação, formação ou acesso dos pacientes a novos tratamentos, e como planeiam abordar esses desafios no futuro próximo?

Desafios na investigação:

- Motivação e ideias para projetos que necessitam de tempo e ambiente estimulante, nomeadamente a nível dos serviços de Gastrenterologia. É necessário criar uma cultura de discussão positiva e inclusiva, multidisciplinar, sistemática e rigorosa, que predisponha à criação e/ou participação em projetos de investigação.

- Dados robustos e disponíveis, através de bases de dados de dimensão nacional, sem as quais será muito difícil conseguir trabalhos com dimensão suficiente para ter impacto internacional. Portugal é um país pequeno e se não trabalharmos em rede e de forma multicêntrica, não conseguiremos atingir os objetivos propostos

Desafios na formação:

- Sensibilização dos serviços para a necessidade de diferenciação em DII e na criação de unidades multidisciplinares dedicadas.

- Continuar o nosso programa de reuniões anuais de elevado nível científico, cursos de formação para internos e jovens especialistas, webinars periódicos de discussão multidisciplinar de casos clínicos, podcasts, atualizações e melhorias constantes nos conteúdos do site.

Desafios no acesso dos doentes a novos tratamentos:

- O GEDII pretende usar o seu conhecimento e experiência na divulgação dos novos tratamentos, envolvimento dos profissionais em estudos e ensaios, partilha da experiência de outros centros com melhores performances e “pressão” junto das comissões de farmácia e terapêutica, administrações hospitalares e também dos decisores políticos, no sentido de conseguirmos que os doentes tenham acesso às melhores opções terapêuticas, à luz do conhecimento atual.

PA: A cooperação internacional é um dos pontos fortes do grupo. Que lição Portugal pode oferecer a outros países na gestão das DII e, inversamente, que práticas ou tecnologias de outros países ainda precisam de ser adaptadas à nossa realidade?

RG: De facto, o GEDII tem um componente muito robusto e sedimentado de cooperação e projeção internacional. As doenças não têm fronteiras e a colaboração e união de conhecimentos, experiências e boas práticas só pode ter resultados enriquecedores para todos. É uma matemática alternativa em que a divisão de conhecimento por muitos, acaba por multiplicar esse mesmo conhecimento.

Desde sempre, houve uma visão de longo alcance e de projeção do futuro, por parte das direções e massa crítica do GEDII. Essa filosofia do grupo levou a uma procura contínua de parcerias internacionais, nomeadamente com a ECCO (European Crohn's and Colitis Organization). Esta é a mais importante e abrangente associação de profissionais da DII a nível europeu, de onde emanam as principais guidelines que usamos no nosso dia a dia clínico e onde são definidas muitas das estratégias comuns. Portugal tem representantes médicos e de Enfermagem neste organismo e, neste momento, para grande orgulho, não só do GEDII, mas também da Gastrenterologia e da medicina nacionais, o presidente da ECCO é um português de excelência, membro fundador, ex-presidente e atual vogal da direção do GEDII, o Professor Fernando Magro.

Em Portugal temos uma realidade no tratamento da DII que não é melhor ou pior que nos outros países, até porque esta comparação é difícil dada a heterogeneidade dos sistemas de saúde a nível europeu e mundial. Em termos da formação e conhecimento científico e de boas práticas clínicas temos assistido a uma clara melhoria com a sensibilização dos médicos mais jovens para a especificidade e complexidade da DII. Temos conhecimento e massa crítica ao mesmo nível de outros países europeus. Falta-nos ainda uma visão integradora, multidisciplinar, centrada no doente, que se deverá traduzir na organização das unidades de Doença Inflamatória Intestinal em Unidades Funcionais, Centros de Referência ou outras soluções de integração e otimização dos cuidados ao doente.

Ainda no âmbito das parcerias internacionais do GEDII realço o Curso Five Nations que é organizado anualmente por 5 países, incluindo Portugal e no qual 15 Internos de Formação Específica portugueses têm a oportunidade de usufruir dos ensinamentos, partilha e criação de redes com colegas nacionais e internacionais.

PA: A Reunião Anual dos 20 anos, vai ter lugar no Porto, de 23 a 25 de janeiro de 2025, e promete ser um grande marco. Quais critérios nortearam a escolha dos temas principais e quais serão os grandes destaques em termos de convidados, palestras, workshops e inovações discutidas?

RG: Todas as reuniões do GEDII são pautadas pela excelência científica e pela qualidade dos palestrantes nacionais e internacionais convidados. O programa procura refletir os temas mais atuais e com maior destaque. Neste ano em que celebramos 20 anos do GEDII e em que é o primeiro ano desta nova direção, o empenho é o mesmo de sempre e o entusiasmo... a dobrar! Para além das apresentações de comunicações orais, posters e casos clínicos difíceis, temos mesas redondas e uma conferência que serão, certamente, pontos altos da reunião.

Os temas escolhidos são desafiantes e retratam os hot topics do momento, com três mesas redondas sobre abordagem terapêutica, alvos terapêuticos e novos medicamentos.

PA: De que forma esta reunião reflete não apenas o passado do grupo, mas projeta o seu futuro? Existe alguma mensagem central que a direção deseja deixar à comunidade médica e científica neste momento comemorativo?

RG: Esta reunião representa mais um ano de trabalho, crescimento e transformação dentro da continuidade. Reflete um passado de que muito nos orgulhamos e do qual sentimos a responsabilidade de manter o legado e ainda de lhe acrescentar valor. Projeta para o futuro a nossa determinação e a defesa intransigente da qualidade na abordagem aos doentes com DII, seja no diagnóstico, terapêutica ou direitos sociais dos doentes. Este propósito concretiza-se através de todas as formas de intervenção na investigação, formação e divulgação científica, que são a razão de existir do GEDII. Para o futuro, queremos deixar a mensagem de que este é um projeto que vale a pena e que cabe aos mais jovens continuar e aperfeiçoar.

PA: O triénio 2024-2027 representa também uma transição estratégica com novos objetivos para o GEDII. Quais são as prioridades identificadas a que a nova direção se prepõe, para garantir o desenvolvimento do grupo e consolidar o seu papel nos próximos anos?

RG: Os objetivos definidos há 20 anos foram mudando com os avanços constantes associados ao entendimento destas doenças e em cada momento soubemos efetuar os ajustes necessários. No entanto, se começámos com o objetivo de formação em DII e a criação duma base de dados, o que pretendíamos foi largamente ultrapassado no motivo, no modo e na evolução temporal. Os que começaram o grupo não imaginavam o caminho percorrido no bem fazer.

20 anos depois, muito se fez, mas muito mais há para fazer! O nosso foco nestes três anos será manter a estrutura GEDII íntegra e sustentável. Temos um corpo administrativo e uma equipa laboratorial em full-time, que juntamente com a direção, corpos sociais e comissões (Científica, Young Gedii, Cirurgia, Nutrição, Psicologia, Pediatria e Enfermagem) materializam e operacionalizam o nosso trabalho. Pretendemos:

- Manter o foco na base de dados e no trabalho de investigação laboratorial;

- Concluir um projeto muito ambicioso de estudo do microbioma fecal e tentar conhecer fatores prognósticos e preditivos. Tentamos perceber a correlação entre atividade, lesão da mucosa, microbioma e efetividade terapêutica;
- Alargar o Gedii ao maior número possível de profissionais e serviços hospitalares;
- Ser proativos e imaginativos na forma de chegar a mais pessoas, através do uso das novas tecnologias, sobretudo através do Young Gedii;
- Fomentar a multidisciplinaridade e os estudos multicêntricos;
- Manter e reforçar a parceria com a ECCO e com as nossas congéneres internacionais;
- Promover reuniões e cursos de formação e participar ativamente em reuniões e cursos promovidos por instituições nacionais e internacionais cujos objetivos estejam alinhados com os nossos.

PA: Se pudesse projetar o GEDII daqui a mais 20 anos, como visualiza a evolução do grupo e da abordagem às doenças inflamatórias intestinais em Portugal? Que avanços técnicos, científicos ou institucionais considera indispensáveis para atingir essa visão?

RG: A evolução da abordagem à DII tem sido alucinante ao longo dos últimos 20 anos, quer em termos de diagnóstico e terapêutica (com destaque para a revolução da terapêutica biológica) quer em relação à filosofia subjacente a essa abordagem e que se caracteriza por uma maior ambição e exigência em relação aos alvos terapêuticos e aos resultados esperados.

A inteligência artificial está na ordem do dia e, provavelmente dominará e transformará a nossa atividade ao longo dos próximos 20 anos.

A reorganização dos serviços e as transformações a nível do sistema de saúde português, nomeadamente com o reforço do setor privado serão um fator muito relevante num futuro próximo.

A multiplicação e acessibilidade a novos fármacos irá condicionar as escolhas e algoritmos terapêuticos ao nosso dispor.

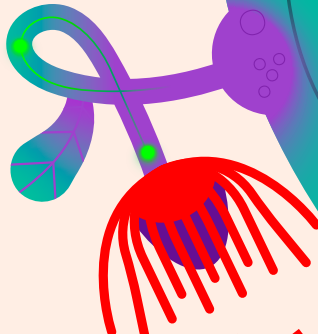
O GEDII tem a robustez para persistir naquilo que são os seus objetivos fundadores e estruturais, mas também a flexibilidade e a lucidez de se ajustar às novas realidades.



Five Nations – Vila Nova de Gaia 2024



Five Nations Annecy - França 2023

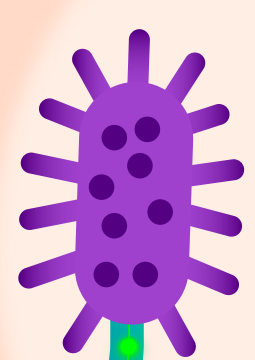


Jan. 23-25



REUNIÃO ANUAL 2025 GEDII

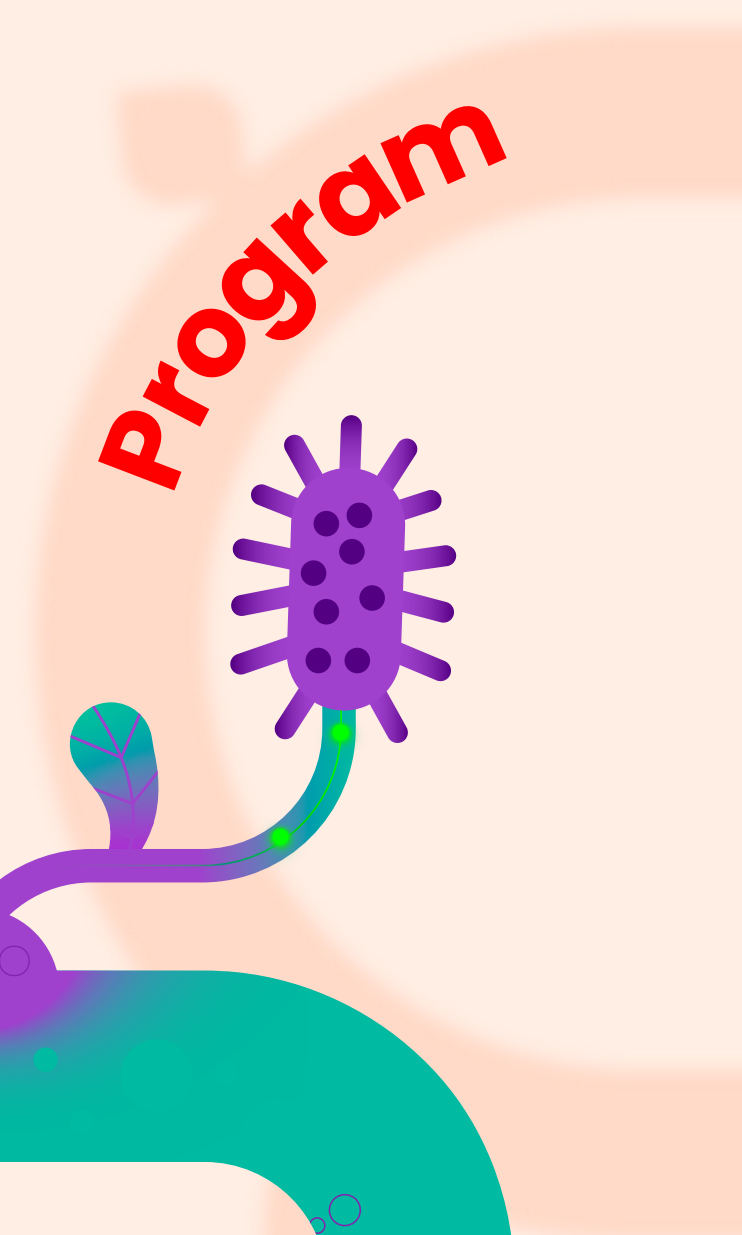
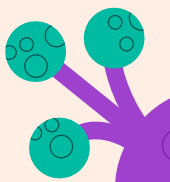
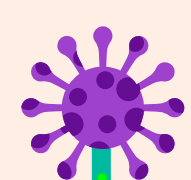
Program



Porto

Sheraton

Celebrating our growing community



Índice

2	Grupo de Estudos da Doença Inflamatória Intestinal - GEDII	
	Sociedade Portuguesa de Cardiologia	7
10	Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear - SPRMN	
	Sociedade Portuguesa de Hematologia - SPH	12
14	Sociedade Portuguesa de Simulação - SPSim	
	Associação Portuguesa dos Técnicos de Radiologia, Radioterapia - ATARP	16
18	Núcleo de Gastrenterologia dos Hospitais Distritais - NGHD	
	UCARDIO - Centro Clínico Unidade Cardiovascular	20
22	Clínica Médico Dentária Projetamos Sorrisos	
	Klinica PerioImplantológica Rainha D. Leonor	24
26	Centro de Senologia e Ecografia	
	Clínicas Faria Couto - Ortopedia	28
31	Sociedade Portuguesa de Anestesiologia	
	Sociedade Portuguesa de Patologia Clínica	32

FICHA TÉCNICA

Propriedade: Litográfis - Artes Gráficas, Lda | Litográfis Park, Pavilhão A, Vale Paraíso 8200-67 Albufeira **NIF:** 502 044 403 **Conselho de Administração:** Sérgio Pimenta
Participações Sociais: Fátima Miranda, Diana Pimenta, Luana Pimenta (+5%) **Redação e Publicidade:** Rua Professora Angélica Rodrigues, 17 - sala 7, 4405-269 Vila Nova de Gaia **E-mail:** geral@perspetivaatual.pt **Site:** www.perspetivaatual.pt **Periodicidade:** Mensal **Distribuição:** Gratuita com o Semanário Sol
Estatuto Editorial: disponível em www.perspetivaatual.pt **Impressão:** Litográfis - Artes Gráficas, Lda **Depósito Legal:** 471409/20 **Edição de dezembro de 2024**



CPC 2025

CONGRESSO PORTUGUÊS DE CARDIOLOGIA

BUILDING BRIDGES
IN CARDIOLOGY

11-13 ABRIL

**CENTRO DE CONGRESSOS
ALFÂNDEGA DO PORTO**

CONGRESSOCPC.PT



Sociedade Portuguesa de
CARDIOLOGIA

Sociedade de Cardiologia

Sociedade Portuguesa de
CARDIOLOGIA

A aposta no futuro da Cardiologia em Portugal: Inovação, Investigação e Formação

Com foco na prevenção, inovação tecnológica e cooperação internacional, a Sociedade Portuguesa de Cardiologia reafirma novamente o seu papel central na promoção da saúde cardiovascular em Portugal. Em entrevista exclusiva à Perspetiva Atual, Hélder Pereira, Presidente da Sociedade Portuguesa de Cardiologia e a Vice-Presidente, Sofia Cabral, refletem sobre as conquistas recentes, o impacto do novo Plano Estratégico para a Saúde Cardiovascular e as prioridades para o próximo ano. Rui Baptista, Presidente do Congresso Nacional de Cardiologia, revela ainda as principais novidades do Congresso Português de Cardiologia 2025, que irá decorrer de 11 a 13 de abril, na cidade do Porto.



Hélder Pereira, Presidente da Sociedade Portuguesa de Cardiologia

Perspetiva Atual: A Sociedade tem desempenhado um papel essencial desde 1949. De que maneira têm adaptado as estratégias para garantir a evolução contínua da especialidade e a promoção da saúde cardiovascular em Portugal?

Hélder Pereira: A SPC promove a saúde cardiovascular, focando-se na educação médica e investigação científica. As suas principais atividades incluem o **Congresso Português de Cardiologia**, onde se apresenta a inovação e discute a eficiência no uso dos recursos; a **Revista Portuguesa de Cardiologia**, importante veículo na divulgação da investigação portuguesa em cardiologia; a **Academia Cardiovascular**, no Porto, que atualmente é o principal meio de formação pós-graduada em doenças cardiovasculares; o **Centro Nacional de Coleção de Dados**, em Coimbra, armazena registos médicos para investigação.

A SPC colabora com outras sociedades, promove a prevenção de riscos cardiovasculares e realiza missões humanitárias em países de língua portuguesa. Apesar das doenças cardiovasculares serem a principal causa de morte no Ocidente, nem sempre essa é a perceção da tutela e mesmo dos média, pelo que é necessário que a SPC amplie esforços para influenciar políticas de saúde voltadas à prevenção e tratamento eficaz destas doenças.

PA: Com a aproximação do término do mandato da atual direção, que balanço pode ser feito sobre as principais conquistas alcançadas este ano?

HP: Desde 1949, a SPC tem-se mostrado adaptável e bem-sucedida, ajustando-se às mudanças científicas e sociais. Recentemente, a SPC reconheceu a necessidade de reformas estruturais para manter sua sustentabilidade a médio prazo. Isso incluiu a redução do quadro de pessoal e a revisão de processos internos para melhorar a eficácia operacional.

A sede em Lisboa está a ser remodelada para atender melhor as necessidades atuais, nomeadamente criando espaços mais funcionais para reuniões. O Centro Nacional de Coleção de Dados tem sido crucial na coleta e análise de dados cardiovasculares, encontrando-se presentemente em processo de renovação, no sentido de se adaptar às novas tecnologias.

Apesar das mudanças, a SPC continua focada na sua missão de educação, investigação e advocacia, destacando-se a elaboração de um **Plano Estratégico**, para as doenças cardiovasculares, e um estudo nacional sobre fatores de risco em parceria com a Sociedade Portuguesa de Diabetologia.



Sofia Cabral, Vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de Cardiologia

PA: Com o novo ano a aproximar-se, quais são as metas e projetos prioritários para a SPC? Existe algum foco específico no próximo plano estratégico?

Sofia Cabral: A SPC tem acompanhado um movimento transformador a nível europeu liderado pela Sociedade Europeia de Cardiologia, seu parceiro estratégico natural e da qual é membro fundador. Este movimento alerta para as doenças cardiovasculares serem a principal causa de morbi-mortalidade na Europa, apela para a priorização da sua abordagem à escala continental e nacional e incentiva o desenho e execução de um **Plano Europeu para Saúde Cardiovascular**.

As ações de advocacy levadas a cabo junto dos decisores políticos da União Europeia, com participação ativa da SPC, colheu frutos e pela primeira vez o Conselho Europeu aprovou e emitiu em 3 de dezembro de 2024 conclusões e recomendações para a priorização e abordagem da Saúde Cardiovascular com foco na prevenção, acesso, deteção precoce, tratamento e reabilitação. A aplicação destas medidas terá de ser adotada a nível de cada Estado-Membro, idealmente integradas num Plano Nacional. A SPC, alinhada com esta iniciativa, concebeu um Plano Estratégico para a Saúde Cardiovascular em Portugal onde reflete o seu posicionamento, destaca as áreas que considera serem de intervenção prioritárias e traça objetivos, metas e estratégias a implementar.

Este plano conceptualiza, à luz dos valores e missão da SPC, a visão da Sociedade para a abordagem dos principais desafios que hoje se colocam na área da patologia cardiovascular e alicerçou-se no trabalho de peritos dos Grupos de Estudo que integram a sua estrutura. Perfilado com as recomendações emanadas pelo Conselho Europeu, espera-se que este documento possa ser tido em consideração pela tutela na definição de políticas de Saúde na área cardiovascular nos próximos anos.

Congresso Nacional de Cardiologia 2025



Rui Baptista, Presidente do Congresso Nacional de Cardiologia

PA: “Building Bridges in Cardiology” foi o lema escolhido para o Congresso Nacional de Cardiologia, que acontecerá no Centro de Congressos da Alfândega do Porto, de 11 a 13 de abril de 2025. Quais são as grandes novidades que podemos esperar desta edição? Como é que este tema reflete os desafios e oportunidades atuais da cardiologia em Portugal e no mundo?

Rui Baptista: O Congresso Português de Cardiologia 2025 marca um momento histórico ao apresentar uma mudança significativa na sua localização. Após mais de quinze anos de realização no sul do país, o evento transfere-se agora para o norte, tendo como novo palco o belíssimo Centro de Congressos da Alfândega do Porto.

O programa, criteriosamente elaborado, privilegia a interdisciplinaridade e a construção de pontes entre as diversas áreas da cardiologia e das especialidades que interagem com o doente cardiovascular, proporcionando um espaço de convergência nas várias sessões do congresso.

Esta edição destacar-se-á pela introdução de uma inovadora *Training Village*, dedicada ao desenvolvimento de competências práticas dos congressistas. Outra das principais novidades desta edição é a participação, pela primeira vez, de uma expressiva comitiva de médicos do norte de Espanha, com particular destaque para profissionais da Galiza. Esta participação internacional vem enriquecer ainda mais o evento, que também visa atrair e integrar médicos de outras especialidades, nomeadamente de Medicina Interna e Medicina Geral e Familiar, para os quais terá um programa específico, denominado Ciclo de Atualização em Medicina Cardiovascular, que versará de forma abrangente sobre os temas mais comuns na prática clínica do dia-a-dia.

O congresso dará ainda especial ênfase às áreas de desenvolvimento tecnológico em cardiologia, que tem sido muito vigoroso nos últimos anos, com destaque para as terapêuticas inovadoras no tratamento das dislipidemias, da insuficiência cardíaca e da hipertensão pulmonar, e os mais recentes avanços no campo das miocardiopatias, bem como em relação às novidades nos métodos de imagem e nos dispositivos, quer na área das arritmias, quer na patologia vascular e valvular,

passando pelo suporte mecânico circulatório. Esta abordagem reflete o compromisso do evento com a excelência científica e a atualização constante dos profissionais de saúde, bem como esta vontade em estabelecer pontes entre as várias áreas e profissionais.

PA: O congresso deste ano destaca-se pelas “parcerias locais, com cursos pré-congresso em hospitais da Região Norte”. Pode explicar como estas colaborações foram estabelecidas e de que forma estas ações beneficiam a formação dos profissionais e a prática clínica no campo da cardiologia?

RB: A deslocação do Congresso Português de Cardiologia para o Norte do país apresentou-se como uma oportunidade ímpar para potenciar a proximidade geográfica com os centros de excelência de cardiologia desta região. Neste contexto, desenvolvemos um abrangente programa de cursos pré-congresso, que decorrerão em vários serviços de cardiologia dos hospitais do Norte. Esta iniciativa pioneira permite que cada instituição hospitalar acolha colegas provenientes de todo o país, promovendo uma valiosa partilha de conhecimentos entre profissionais e fomentando uma aprendizagem colaborativa no tratamento de doentes cardiovasculares.

Os cursos abrangerão áreas específicas de elevada relevância clínica, nomeadamente no campo das miocardiopatias, imagem avançada em doença valvular, cuidados intensivos cardíacos, diagnóstico avançado em insuficiência cardíaca e intervenção valvular percutânea. Esta descentralização do conhecimento permite não só maximizar os recursos e a experiência dos centros a Norte do país, como também proporcionar uma formação mais personalizada e prática, em ambiente hospitalar real, beneficiando todos os participantes com a experiência acumulada destas unidades de referência.

Estamos certos de que as partilhas serão extremamente enriquecedoras e proporcionarão o estabelecimento de parcerias e colaborações no futuro entre os participantes.

PA: Sabemos que o Dr. Deepak L. Bhatt será uma das presenças de destaque. Para além desta figura de renome, que outros palestrantes ou especialistas estão confirmados e qual será o impacto para o congresso?

RB: Entre os oradores de destaque, contamos com a presença do Dr. Deepak Bhatt, uma das figuras mais influentes da cardiologia atual, que ocupa a prestigiada Cátedra Valentín Fuster no Serviço de Cardiologia do Hospital Mount Sinai, em Nova Iorque. Juntamente com ele, teremos o privilégio de contar com outros nomes de elevado prestígio internacional, dos quais se destaca o Dr. Mutiah Vaduganathan do Brigham and Women’s Hospital, uma referência incontornável na área da insuficiência cardíaca e dos ensaios clínicos nesta área, tendo liderado muitos dos mais recentes estudos nesta área. A Dra. Michelle Kittleson, cardiologista do Cedars-Sinai em Los Angeles, e primeira autora das recomendações de amiloidose e insuficiência cardíaca com fração de ejeção preservada do ACC/AHA também estará presente, trazendo a sua vasta experiência não só em insuficiência cardíaca e transplantação cardíaca, mas também como autora da sua influente obra *The Art of Patient Care*. O Dr. Eugenio Picano, investigador sénior do Instituto de Fisiologia Clínica do Conselho Nacional de Pesquisa em Pisa, Itália, é reconhecido mundialmente pelo seu trabalho pioneiro em

ecocardiografia de stress. O Dr. André d’Avila, atual diretor do Departamento de Arritmias do Hospital SOS Cardio em Florianópolis, Brasil, é uma referência internacional em eletrofisiologia cardíaca. Foi pioneiro no desenvolvimento de técnicas de ablação epicárdica e na utilização de tecnologias inovadoras para o tratamento de arritmias complexas, tendo contribuído significativamente para o avanço das técnicas de ablação por cateter. O Professor Wilfred Mullens, do Hospital Oost-Limburg e da Universidade de Hasselt, na Bélgica, destaca-se pela sua abordagem integrativa entre cardiologia e nefrologia, tendo desenvolvido trabalho fundamental na compreensão das interações cardiorrenais na insuficiência cardíaca. As suas investigações sobre a congestão sistémica e o papel da ultrafiltração no tratamento da insuficiência cardíaca refratária são consideradas marcos na área. O Professor Holger Thiele, Diretor do Departamento de Medicina Interna/Cardiologia do Heart Center Leipzig, é uma referência mundial nos cuidados cardíacos agudos. É reconhecido internacionalmente pela sua liderança no estudo CULPRIT-SHOCK e pelos seus contributos fundamentais no tratamento do choque cardiogénico e enfarte agudo do miocárdio. O Dr. João Cavalcante é atualmente Diretor do Centro de Pesquisa em Imagem Cardíaca Estrutural do Minneapolis Heart Institute e Professor Adjunto da Universidade de Minnesota. É internacionalmente reconhecido pelo seu trabalho pioneiro em imagem cardíaca avançada, particularmente em TC cardíaca e ressonância magnética, com foco especial na avaliação de doença valvular aórtica e miocardiopatias.

Estes e outros especialistas trarão ao CPC2025 não só o seu vasto conhecimento teórico, mas também uma experiência prática incomparável nas suas respetivas áreas de especialização, prometendo sessões de elevadíssimo nível científico e grande relevância clínica.

PA: Com os avanços contínuos na área da saúde, como está a Sociedade a integrar temas emergentes como inteligência artificial, sustentabilidade e acessibilidade no contexto do congresso? Que reflexões podemos esperar destas discussões para o futuro da especialidade?

RB: A Inteligência Artificial assumirá um papel de destaque no congresso, com particular ênfase na aplicação dos grandes modelos de linguagem (*Large Language Models*) na interpretação de dados clínicos e exames complementares de diagnóstico. A cardiologia, pela sua natureza intrinsecamente técnica e pela quantidade significativa de dados que gera, apresenta-se como um campo particularmente fértil para a implementação destas metodologias inovadoras, prometendo benefícios substanciais na gestão clínica dos doentes. Para além da vertente tecnológica, o congresso dedicará um espaço especial - a *Ágora* - à discussão de temas transversais à medicina contemporânea. Neste fórum, serão abordadas questões fundamentais como o equilíbrio entre vida profissional e pessoal dos médicos, estratégias para a gestão eficiente da consulta médica, gestão financeira, a promoção da literacia em saúde e desafios atuais dos sistemas de saúde. Esta abordagem holística reflete a preocupação do congresso em não só avançar o conhecimento técnico-científico, mas também em promover o desenvolvimento profissional integral dos médicos e a melhoria dos cuidados de saúde na sua globalidade.

Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear



“A Radiologia é um pilar da medicina e dos cuidados de saúde”

Em entrevista exclusiva à Perspetiva Atual, Luís Curvo Semedo, presidente da Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear (SPRMN), reflete sobre os avanços alcançados durante o seu mandato, o impacto das iniciativas formativas e científicas e projeta ainda os desafios futuros para a radiologia em Portugal. De temas como inteligência artificial à medicina de precisão, o futuro da especialidade promete inovação e adaptação constante.



Delegação da SPRMN recebendo a homenagem do Colégio Brasileiro de Radiologia no seu congresso anual, que decorreu em Salvador

Perspetiva Atual: A Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear desempenha um papel fundamental no avanço das ciências médicas e no impacto direto na saúde da população. Poderia destacar as principais áreas de atuação da sociedade e como as suas iniciativas têm ajudado a melhorar o diagnóstico, tratamento e prevenção de doenças, beneficiando assim todos os cidadãos?

Luís Curvo Semedo: A SPRMN, sendo uma sociedade de cariz científico, tem procurado incrementar a qualidade da radiologia portuguesa, dessa forma contribuindo para uma melhoria dos cuidados de saúde prestados à população. Grande parte dessa melhoria passa por uma aposta cada vez mais forte na formação e na preparação dos profissionais, com particular ênfase nas atividades dirigidas aos internos de formação específica de radiologia e na formação contínua dos especialistas.

PA: Com o término do mandato desta Direção em 2025, que reflexão é possível fazer sobre os principais propósitos alcançados? Quais foram os maiores desafios enfrentados e os avanços mais significativos para

a especialidade de Radiologia e Medicina Nuclear em Portugal?

LCS: A direção revelou um notável espírito de equipa e trabalhou diligentemente na prossecução dos objetivos a que se propôs no início do mandato. Conseguiu organizar, ao longo destes anos de mandato, diversos eventos científicos, com particular destaque para o CNR'24, o nosso congresso nacional, com mais de 400 inscritos. E, de acordo com o seu programa de ação, encontra-se a preparar o CNR'25, dessa forma passando a ser responsável pela organização de um grande evento anual, ao invés de bi-anual como era usual.

A atividade da direção não se cinge à organização de eventos, pelo que, até ao final do mandato, espera poder disponibilizar o novo website da sociedade e proceder ao uma revisão dos estatutos.

Em 2025 haverá lugar a várias atividades da escola da SPRMN, agora coordenada pelo Dr. André Carvalho, radiologista da ULS-S. João, com o primeiro módulo formativo, dedicado à radiologia genito-urinária, a decorrer em 11 de janeiro próximo, na sede da SPRMN.

PA: Nos últimos anos, houve iniciativas notáveis no âmbito da atribuição de bolsas e prémios. Pode partilhar connosco de que forma é que estas ações têm apoiado os profissionais e investigadores da área e se há novos projetos a destacar nesse sentido?

LCS: A Sociedade tem, em reuniões científicas por ela organizadas, atribuído prémios que têm intuito predominantemente formativo. Destacam-se aqueles que envolvem períodos de formação em entidades estrangeiras, como os que resultam da cooperação entre a SPRMN e o Instituto Americano de Radiologia e Anatomopatologia (AIRP), instituição norte-americana reconhecida pela sua elevada valia formativa. A SPRMN não atribui prémios monetários, pois consideramos que a formação é realmente onde queremos apostar.

Gostaria também de referir que até ao final do meu mandato, a atual direção irá reativar uma bolsa a atribuir a atividades de investigação, com o nome do Sr. Prof. Henrique Vilaça Ramos, uma personalidade ímpar na radiologia nacional, tendo sido presidente da SPRMN.

PA: Como tem a Sociedade fortalecido a cooperação com Instituições de Saúde e outras Sociedades Médicas, tanto a nível nacional como internacional? Quais parcerias se destacam e que impacto têm gerado na evolução da Radiologia e Medicina Nuclear?

LCS: Para além da sua relação umbilical com a sociedade europeia de radiologia (ESR), com vários dos seus associados fazendo parte de diversos comités da ESR e participando regularmente no congresso anual, também com algumas sociedades de sub-especialidades tem sido criada alguma sinergia, desde logo permitindo aos sócios da SPRMN usufruírem de vantagens similares aos sócios dessas mesmas sociedades (a título de exemplo nos congressos do ESGAR, ESUR, EUSOBI, ESSR e CIRSE, que decorreram nos últimos anos em Portugal). Também nos congressos e outras iniciativas dessas sociedades encontramos um papel de realce de vários dos sócios da SPRMN.

A SPRMN fez-se representar nos congressos anuais das sociedades paulista e espanhola de radiologia, com as quais tem protocolos de colaboração firmados há algum tempo. No entanto, gostaria de destacar a presença da representação da SPRMN no congresso do Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR), em que a nossa sociedade foi homenageada, juntamente com a Sociedade Japonesa de Radiologia. Foi a primeira vez que uma sociedade científica foi distinguida pelo CBR, facto que muito nos orgulha e, acima de tudo, nos honra.

Por último, mas não menos importante, a relação que se pretende cada vez mais forte com sociedades “irmãs” como a Associação Portuguesa de Radiologia de Intervenção (APRI) e a Associação Portuguesa de Radiologia, Neurorradiologia e Medicina Nuclear (APRANEMN), (assim como com CNIR - Comissão Nacional de Internos de Radiologia), oferece oportunidades de crescimento e robustecimento da radiologia portuguesa. Todas estas interações permitem naturalmente aos radiologistas portugueses conhecer novas perspetivas e ‘criar pontes’.

“Grande parte dessa melhoria passa por uma aposta cada vez mais forte na formação e na preparação dos profissionais.”



Direção da SPRMN, durante o Congresso Nacional de Radiologia de 2024

“O papel de relevo da radiologia enquanto especialidade transversal a inúmeras áreas da medicina, deve ser enaltecido e reforçado.”

PA: O Congresso de 2024 foi um sucesso bastante reconhecido na área e contou com atividades centradas em dois temas bastante abrangentes - Urgência e Oncologia. Qua balanço fazem sobre este evento e que ensinamentos ou conquistas retiraram desta edição que de certa forma influenciaram a organização do próximo evento?

LCS: O CNR'24 foi, globalmente, um evento muito positivo embora, como qualquer atividade deste género, não tenha sido perfeito. Mas foram apostas ganhas a colaboração com uma empresa de organização de

eventos (a GetDone Events), a construção de um programa abrangente e multidisciplinar e a oferta de um local em que os participantes, além do evento científico, usufruísem também da oportunidade de ter alguns momentos de sã convivência. Uma outra aposta claramente ganha foi o curso pré-congresso, inteiramente dedicado à radiologia de intervenção, com organização da APRI/secção de radiologia de intervenção. O principal desafio será fazer com que os radiologistas adiram à ideia de ter um congresso nacional todos os anos e, portanto, este evento deverá ser suficientemente cativante e interessante para que tal aconteça.

PA: Já é possível ver o cartaz para o Congresso de 2025 e promete ser um marco importante para a Sociedade. Como foi escolhido o lema deste ano e quais são os principais objetivos deste evento e temas em destaque no programa?

LCS: Para 2025 a direção optou por dois temas igualmente abrangentes, já decididos, mas que, à data, ainda não podem ser revelados. Apenas é possível levantar um pouco o véu e afirmar que são temas do interesse de muitos radiologistas e em que a vertente multidisciplinar vai continuar a ser aposta.



Sessão hands-on de radiologia de intervenção, durante o curso pré-congresso 'CNR meets APRI'



Uma das salas do CNR'24, durante uma das sessões do congresso

“Acho que a radiologia portuguesa deverá continuar a ter o contributo seminal da SPRMN, sendo as duas indissociáveis.”

PA: Sabemos que esta edição inclui formações e workshops pré-congresso em parceria com instituições de referência. O que nos pode contar sobre essas ações e de que forma elas contribuirão para a capacitação dos profissionais da área?

LCS: Posso apenas adiantar que os eventos formativos terão a colaboração das secções da SPRMN e que todas as áreas da radiologia serão abrangidas, pelo que haverá sempre algo que interesse a quem participe. O curso pré-congresso será seguramente um foco de grande motivação, pois terá sessões hands-on e será dedicado a uma das áreas da radiologia que mais interesse tem suscitado em termos formativos.

PA: Já é possível revelar alguns dos convidados e palestrantes que marcarão presença no Congresso de 2025? Que impacto espera da contribuição de especialistas nacionais e internacionais para o evento?

LCS: Teremos o contributo de personalidades destacadas da área da radiologia portuguesa, nas diversas áreas a que se dedicam. Para tal recorreremos à inestimável colaboração das diversas secções da SPRMN. Teremos igualmente a participação de nomes de referência a nível internacional, com especial destaque para as individualidades que irão representar as sociedades científicas com as quais a SPRMN tem protocolos estabelecidos, casos do CBR e das sociedades paulista e espanhola.

PA: Considerando o futuro para além de 2025, quais são as prioridades estratégicas da Sociedade para continuar a liderar o avanço da Radiologia e Medicina Nuclear em Portugal? Há novos projetos ou áreas de inovação que já estejam a ser exploradas e possam ser reveladas?

LCS: O caminho a seguir terá de ser trilhado pelas futuras direções, a começar por aquela que irá iniciar as suas funções já em 2025. Pessoalmente, acho que a radiologia portuguesa deverá continuar a ter o contributo seminal da SPRMN, sendo as duas indissociáveis. O papel de relevo da radiologia enquanto especialidade transversal a inúmeras áreas da medicina, deve ser enaltecido e reforçado e deveremos ter a participação cada vez mais indelével de radiologistas em áreas como a medicina de precisão e – a atualmente tão em voga – inteligência artificial. Em última análise a radiologia deverá continuar a ser, adaptando-se em conformidade, um pilar da medicina e dos cuidados de saúde.

Sociedade Portuguesa de Hematologia

“Investir na formação para garantir o futuro da Hematologia”



Maria Gomes da Silva, presidente da Sociedade Portuguesa de Hematologia (SPH), faz um balanço de seu primeiro ano à frente da organização, destacando a continuidade de projetos estratégicos, a criação de novas iniciativas de formação e investigação, e o fortalecimento de parcerias nacionais e internacionais. Em entrevista exclusiva, Maria Gomes da Silva compartilhou ainda a sua visão sobre os desafios enfrentados pela hematologia, o impacto do Congresso Anual da SPH e as prioridades para os próximos anos.



Maria Gomes da Silva, presidente da Sociedade Portuguesa de Hematologia

Eleita em novembro de 2023 para o triénio 2024-2026, Maria Gomes da Silva iniciou o seu mandato com um compromisso claro de continuidade e inovação. Sucendo o cargo de vice-presidente na direção anterior, afirma manter o foco nos projetos já em andamento, ao mesmo tempo que tem implementado novas abordagens para lidar com os desafios que a área da hematologia enfrenta. “A missão da SPH é contribuir para o desenvolvimento da hematologia nas vertentes clínica, laboratorial, translacional, científica e pedagógica”,

destacou a presidente, enfatizando a importância da multidisciplinaridade no progresso da especialidade. Entre as iniciativas de destaque no primeiro ano, destaca a criação de cursos de formação para jovens hematologistas e a continuidade do apoio dado ao exame da Associação Europeia de Hematologia. “Investir na formação qualificada de novos especialistas, assegurando as competências sugeridas por sociedades europeias congêneres, é um dos pilares fundamentais para garantir o futuro da hematologia em Portugal”, afirmou.

Segundo a presidente, as áreas dedicadas aos Grupos de Interesse, que desenvolvem a sua atividade no seio da SPH, no site da Sociedade, têm sido um canal essencial para o compartilhamento de conteúdos atualizados e relevantes para os profissionais da área.

Pilares da gestão: Formação e Investigação

Quando questionada acerca das áreas de atuação, a presidente deixou bem explícito que as áreas da formação e da investigação são dois dos pilares fundamentais da Sociedade.

O apoio à Secção Jovem da SPH, que representa médicos internos e recém-especialistas, tem sido fundamental para atrair novos talentos. “Achamos que é essencial apoiar o máximo possível os nossos colegas no início de carreira, e mesmo aqueles que ainda não escolheram a carreira que desejam. Consideramos a Hematologia uma especialidade apaixonante e cumpre-nos transmitir isso a todos os profissionais”, afirma a presidente.

Para além da formação, a entrevista abordou também o apoio significativo à investigação, com a concessão de cinco bolsas de estudo este ano, que abrangem áreas como epidemiologia, clínica e investigação de translação, no âmbito da hematologia. “A investigação é o motor da inovação na hematologia, e é crucial que continuemos a apoiar projetos que possam trazer novas soluções para os desafios que enfrentamos, e que contribuam para a motivação e desenvolvimento das carreiras profissionais dos hematologistas”, afirmou a presidente.

Foram adicionalmente atribuídas duas bolsas em parceria com a Associação Portuguesa Contra a Leucemia e empresas farmacêuticas, ampliando a colaboração com entidades externas ao setor académico. “Estas bolsas disponibilizam um financiamento inicial para o desenvolvimento de projetos, quer na área da epidemiologia, quer na área da clínica, quer na área da translação, que se relacionem com hematologia, e privilegiam a multidisciplinaridade”, explica.

Maria Gomes da Silva não deixa de destacar a relevância de uma das parcerias que mais contribui para o pilar da investigação, e neste caso em específico, que contribuiu para suportar quatro bolsas de formação avançada na área da terapia celular. O apoio a Gilead Sciences, Inc., uma empresa biofarmacêutica que tem promovido e atingido avanços na medicina há mais de três décadas, e está comprometida com o avanço de terapêuticas inovadoras para prevenir e tratar doenças potencialmente fatais.



Direção da SPH



Direção da SPH



Entrega bolsas SPH 2024

“Consideramos a Hematologia uma especialidade apaixonante e cumpre-nos transmitir isso a todos os profissionais”

Também aproveitou para ressaltar a importância do Prémio Nacional de Hematologia, atribuído em anos alternados, e que reconhece grupos de investigação com trabalhos de mérito e incentiva o desenvolvimento da área.

Fortalecimento de Parcerias

Em 2023, a SPH intensificou as colaborações internacionais, ampliando a cooperação com a Associação Europeia de Hematologia (EHA) e outros grupos europeus. “Estas parcerias não só ampliam os horizontes da hematologia portuguesa, mas também nos permitem aprender com diversas realidades”, explicou, destacando ainda a participação em iniciativas formativas promovidas pela Escola Europeia de Hematologia. “Estamos também empenhados em promover plataformas de colaboração clínica e de investigação com os países de língua oficial portuguesa e com países sul americanos, e demos início a algumas dessas colaborações, mesmo já durante a recente reunião anual”

A participação da SPH em iniciativas promovidas pela Escola Europeia de Hematologia também é um exemplo recente do compromisso com a formação contínua e a integração no panorama europeu da especialidade.

Reunião Anual da Sociedade Portuguesa de Hematologia

Realizado entre 7 e 9 de novembro, no Hotel Pestana Douro Riverside, no Porto, O Congresso Anual da SPH constituiu uma plataforma para partilhar e discutir inovações recentes em diversas áreas da Hematologia e ainda para apresentar as conquistas e os planos da sociedade. Com mais de 600 participantes, o evento consolidou-se como um dos principais momentos do calendário científico nacional, promovendo um espaço para a troca de conhecimento

entre profissionais da área e fomentando a colaboração interdisciplinar.

Um dos pilares do congresso foi a promoção de networking, essencial para integrar diferentes centros hematológicos do país e aproximar a SPH de parceiros nacionais e internacionais. “Estas parcerias não só ampliam os horizontes da hematologia portuguesa, como também nos permitem aprender com realidades diversas, por vezes com recursos limitados, o que é extremamente enriquecedor”, destacou a presidente.

Organizado rotativamente por um dos sete grandes centros de hematologia do país, o congresso é planeado sempre com antecedência, permitindo que cada comissão organizadora e científica desenvolvam uma programação robusta.

A edição de 2024 começou com cursos pré-congresso, que abordaram alguns temas menos explorados, direcionados especialmente a internos e jovens especialistas. Um formato concebido para oferecer espaço exclusivo a discussões científicas sem interferir com a programação dos dias principais do congresso.

Durante o evento, destacaram-se as sessões educacionais, que abrangeram temas oncológicos e não oncológicos, trazendo especialistas de renome. Entre as mesas redondas, a presidente destaca uma sessão luso-africana, que promoveu um diálogo valioso com profissionais de Países de Língua Oficial Portuguesa, evidenciando os esforços de cooperação internacional da SPH.

Maria Gomes da Silva afirmou que “o Congresso foi uma oportunidade única de reunir especialistas de várias partes do mundo, promovendo um intercâmbio de ideias e experiências.”

A presidente conta ainda que um dos momentos mais aguardados do congresso foi o simpósio conjunto da SPH e da Associação Europeia de Hematologia (EHA), que discutiu síndromes mielodisplásicas e de falência medular. Moderado pela presidente, ao lado do presidente da EHA, o simpósio contou com apresentações de especialistas de renome como o professor Delfim Duarte e o professor Kordasti, do King’s College Hospital em Londres, que abordaram a imunologia associada a essas condições. “Este foi, sem dúvida, um dos pontos altos do evento, pois o debate sobre essas patologias complexas trouxe à tona novas perspectivas para a gestão dessas doenças”, destacou Maria da Silva.

Os momentos dedicados à apresentação de trabalhos científicos também se mostraram fundamentais. Esta edição, organizada pelo Serviço de Hematologia Clínica da Unidade de Saúde Local São João,

“O nosso compromisso com a formação dos futuros hematologistas está em constante evolução”



Reunião SPH 2024

contou com diversas comunicações orais e uma série de pósteres, acompanhados de discussões conduzidas pelos autores, que ilustraram o compromisso da SPH com a disseminação do conhecimento científico nacional.

Desafios enfrentados pelos hematologistas

Entre os desafios enfrentados pela hematologia em Portugal, a presidente ressaltou a limitação de recursos e de infraestrutura adequada no Sistema Nacional de Saúde, um problema que impacta a motivação dos hematologistas. “É uma especialidade exigente, com jornadas de trabalho intensas e responsabilidades urgentes. Muitos dos obstáculos encontrados na especialidade não são exclusivos de Portugal”, explicou. A dificuldade em atrair médicos recém-formados para a área também é um problema crescente, observado em muitos países europeus.

Como resposta, a SPH tem investido na aproximação com as novas gerações de médicos. A criação do Grupo de Trabalho da Escolha da Especialidade visa ouvir os jovens hematologistas e encontrar formas de divulgar melhor a hematologia como uma opção de carreira. Um dos maiores eventos nesse esforço será o “Open Day” da Hematologia, programado para o dia 19 de fevereiro, que envolverá hospitais e faculdades de todo o país. “A ideia é mostrar aos estudantes de medicina o que a hematologia pode oferecer e como ela é uma especialidade entusiasmante, versátil e cheia de desafios e compensações”, afirmou, reforçando a importância do papel dos jovens na área.

A participação no Congresso Anual Internacional Medical Students (AIMS), organizado por estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa, é outro exemplo desse compromisso. “O nosso compromisso com a formação dos futuros hematologistas está em constante evolução, e este é apenas um exemplo de como estamos a ampliar as oportunidades de aprendizagem, contacto e disseminação da informação”, declarou. Para os próximos anos, Maria Gomes da Silva delineou como prioridades o fortalecimento das parcerias científicas, o investimento na formação e investigação e a promoção de projetos em países de língua oficial portuguesa. “O futuro da hematologia depende da nossa capacidade para atrair novos talentos, promover a inovação e garantir melhores condições de trabalho para os profissionais”, concluiu, reafirmando o compromisso da SPH com a excelência e a inovação no campo da hematologia.

Sociedade Portuguesa de Simulação Aplicada às Ciências da Saúde

Simulação em saúde: O futuro da formação e prática clínica em Portugal

Em entrevista exclusiva, Gustavo Norte, presidente da Sociedade Portuguesa de Simulação Aplicada às Ciências da Saúde (SPSim), partilha como a simulação está a revolucionar o ensino e a prática clínica no país. Destaca ainda todos os avanços, colaborações estratégicas e os objetivos futuros desta área em crescimento, que promete transformar a saúde em Portugal.



Gustavo Norte, presidente da SPSim

Perspetiva Atual: Para contextualizar os nossos leitores, gostaríamos de perceber de que forma a simulação pode impactar diretamente o ensino e a prática clínica em Portugal? E como tem a Sociedade trabalhado para aumentar o reconhecimento desta área junto do público e das instituições?

Gustavo Norte: A simulação em saúde é uma abordagem inovadora que transforma tanto o ensino como a prática clínica, ao criar ambientes seguros para o treino de competências técnicas e sociocognitivas, como a comunicação e liderança. Utilizando cenários que replicam situações clínicas reais, os profissionais podem treinar, errar e aprender sem colocar os pacientes em risco. A integração da simulação no ensino permite formar profissionais mais preparados para lidar com a complexidade da prática clínica. Para além da componente educativa, a simulação pode ser utilizada como ferramenta para planear, testar e otimizar processos, circuitos de doentes e profissionais e até instalações, minimizando os riscos e reduzindo custos associados.

A SPSim tem trabalhado para promover a relevância da simulação junto de instituições de ensino e saúde, organizando eventos, workshops, e estabelecendo parcerias estratégicas e científicas. Um exemplo disso foi a recente reunião com representantes de todas as faculdades de Medicina para estabelecer um **consenso sobre o uso da simulação no ensino pré-graduado de Medicina**.

PA: Tendo em conta que estamos no final do ano, e respetivamente no final do mandato da direção atual, que reflexão podem fazer acerca dos marcos e objetivos atingidos?

GN: Este mandato foi particularmente frutífero, marcado por importantes avanços no reforço da simulação em saúde, tanto a nível nacional como internacional. Destacamos, com satisfação, o sucesso do congresso anual da SPSim 2024, em Faro, e a realização do Congresso anual da SESAM (Society for Simulation in Europe) em Lisboa, em 2023. Este último foi um marco especial, pois a SPSim empenhou-se ativamente para que este evento de grande relevo internacional fosse realizado em Portugal, consolidando a posição do nosso país como referência na área da simulação.

Estamos igualmente orgulhosos das colaborações internacionais estabelecidas ao longo deste período, que nos permitiram participar nos principais palcos mundiais e trazer visibilidade à simulação portuguesa. Além disso, foi possível alargar o impacto da simulação a áreas ainda pouco desenvolvidas, como a formação de técnicos de saúde, promovendo uma abordagem mais inclusiva e transversal.

Estes resultados refletem o trabalho contínuo e constante da direção, que tem pautado a sua atuação pela dedicação e pelo compromisso com a excelência. Embora estejamos satisfeitos com o que foi alcançado até agora, reconhecemos que o trabalho continua. A nossa missão de tornar a simulação uma prática acessível e integrada em todo o país ainda enfrenta desafios, mas acreditamos que os alicerces agora estabelecidos permitirão avanços ainda maiores no futuro.

PA: A Sociedade tem colaborado com diversas instituições de saúde e de ensino e contém uma vasta

rede de parceiros nacionais e internacionais. Gostaríamos de perceber quais as mais relevantes e quais os resultados alcançados?

GN: Um dos grandes marcos foi a participação no *Global Consensus Statement on Simulation-Based Practice in Healthcare* um consenso global que envolveu mais de 50 sociedades e 67 países, que revelou as principais prioridades na adoção generalizada de práticas de simulação.

No campo da colaboração internacional, demos passos importantes com a criação do **Comité Internacional de Colaboração Científica entre Associações de Simulação (CICCAS)** e na formalização de acordos de cooperação com as sociedades espanhola, marroquina e argentina de simulação, além das parcerias já existentes, de forma a elevar o conhecimento científico na área e aumentar os benefícios para os nossos sócios. Outro marco relevante foi a organização do **1º Encontro Ibero-Americano de Educação Baseada em Simulação Clínica (RETS-SIM)** que fomentou a troca de experiências entre países de língua portuguesa e espanhola.

Destacam-se também a realização de eventos nacionais de relevo, como o **Congresso SPSim 2024**, em Faro, com a participação de cerca de 150 entusiastas da simulação, e o **SimUniversity Portugal 2024**, na Covilhã, uma competição que reúne equipas de estudantes de diversas escolas médicas nacionais, desafiando-os a participar em cenários realistas com recurso à simulação. Adicionalmente, publicámos um artigo científico relacionado com o **Registo Nacional de Centros de Simulação**, um passo crucial para mapear e compreender a infraestrutura nacional existente, e facilitar a colaboração e intercâmbio de experiências entre centros de simulação (<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38623142/>).



Corpos sociais da SPSim (Estão ausentes: Dra. Regina Rodrigues, Enf. Bráulio Sousa, Eng. Abel Nicolau)

PA: Para os profissionais de saúde, que iniciativas de formação e capacitação têm sido promovidas e merecem o seu devido destaque?

GN: Desde 2017 que realizamos o nosso **Curso Básico de Instrutores de Simulação**, contando com mais de 25 edições e formado cerca de 250 instrutores em todo o país. Este curso é desenhado para qualquer profissional de saúde que pretenda utilizar a simulação como metodologia de aprendizagem e treino, é baseado nas melhores práticas internacionais e adaptado às necessidades formativas dos participantes. Para além deste curso, a SPSim concede **Patrocínio Científico** a eventos, cursos, congressos e workshops de outras entidades, relacionados com ou que utilizem simulação, garantindo que os participantes atendam aos mais altos padrões de qualidade.

PA: O Congresso de Simulação que ocorrerá na cidade do Porto, de 3 a 5 de abril de 2025, é um marco importante para a Sociedade. O que nos podem revelar acerca dos principais objetivos, e o que podem esperar os participantes ao nível de temas, formações e workshops?

GN: O Congresso SPSim 2025 tem como lema "Investir em Simulação e Promover a Saúde", refletindo a nossa convicção de que o investimento nesta área tem um retorno direto na qualidade dos cuidados prestados. Os participantes poderão desfrutar de um programa amplo e dinâmico, com temas que vão desde tecnologias emergentes, como realidade virtual e inteligência artificial, até à aplicação prática de métodos como simulação com atores, *debriefing* estruturado e simulação interprofissional. Será também dada ênfase à capacitação de formadores e à análise dos impactos clínicos da utilização da simulação.

O evento terá uma forte componente interativa, com workshops práticos e sessões *hands-on* que permitirão aos participantes experimentar diretamente as ferramentas e metodologias mais inovadoras. Além disso, empresas líderes no setor da simulação estarão presentes para exibir as suas soluções mais recentes, proporcionando aos participantes a oportunidade de explorar tecnologias de ponta que podem transformar tanto a formação como a prática clínica.

O Congresso promete ser um ponto de encontro para a troca de ideias, partilha de boas práticas e criação de redes de colaboração, reforçando a posição da SPSim como um ator central na simulação em Portugal.

PA: Que perfil de convidados e palestrantes marcarão presença no Congresso de 2025, e de que forma essas intervenções contribuirão para o avanço da simulação na área da saúde?

GN: O Congresso SPSim 2025 contará com um painel de convidados de alto nível, reunindo líderes e especialistas nacionais e internacionais na área da simulação em saúde. Entre os palestrantes confirmados, teremos o atual presidente da SESAM e três ex-presidentes desta prestigiada organização, que trarão uma visão abrangente sobre as tendências globais e o futuro da simulação.

Além destes, outros palestrantes internacionais reconhecidos pela sua experiência em áreas como inovação tecnológica e *debriefing* enriquecerão o programa com perspetivas valiosas e baseadas em evidência. No

plano nacional, destacados profissionais portugueses irão partilhar as suas experiências e boas práticas, destacando os avanços nos seus centros de simulação e atividades formativas.

Estas intervenções contribuirão para o avanço da simulação em saúde ao promoverem a partilha de conhecimentos, o debate sobre novos desafios e oportunidades, e a inspiração para a implementação de iniciativas inovadoras em diferentes contextos.

PA: Quanto ao futuro, que planos estratégicos tem em vista a Sociedade, para os próximos anos? Há alguma iniciativa planeada que possam partilhar com os nossos leitores?

GN: O futuro da SPSim passa por consolidar os avanços já alcançados e expandir a utilização da simulação a nível nacional. Dos nossos objetivos estratégicos, salientamos a promoção da simulação pelas instituições

de ensino em saúde a nível nacional e a expansão da colaboração nacional e internacional com outras instituições e sociedades científicas de modo a aumentar a oferta de mais-valias aos nossos sócios. Planeamos também investir na digitalização, explorando o potencial da formação online e híbrida para as nossas iniciativas.

Claro que estas iniciativas estarão a cargo da nova direção que empossará após o nosso Congresso SPSim 2025 sendo, no entanto, uma visão concertada dentro da SPSim e comunidade de simulação portuguesa. A simulação é uma ferramenta poderosa e acreditamos que, com o apoio de todas as partes interessadas, conseguiremos transformar a saúde em Portugal para melhor.

www.spsim.pt

3-5
Abril, 2025

Porto
Portugal

Faculdade de
Medicina U. Porto

Congresso SPSIM

<p>Improving Patient Outcomes with Simulation</p> <p>Mass Training using Virtual Patients</p> <p>Standardized Patients</p> <p>Faculty Development</p>	<p>Investing in Simulation Promoting Health</p> <p>Artificial Intelligence</p> <p>Medical Simulator Technology</p>	<p>Interprofessional Simulation</p> <p>How to measure gains from a simulation program.</p> <p>Procedural Simulation</p> <p>Medical Problems, Technical Solutions and Commercial Opportunities</p>
---	--	---

Workshops: Artificial Intelligence in Simulation, Moulage, Debriefing

www.spsim.pt

SPSim

FM UP

200

Associação Portuguesa dos Técnicos de Radiologia, Radioterapia e Medicina Nuclear

“A ATARP tem sido um agente de mudança e progresso no setor da saúde”



A Associação Portuguesa dos Técnicos de Radiologia, Radioterapia e Medicina Nuclear (ATARP) é das associações profissionais mais antigas da área das Tecnologias da Saúde, e das poucas fundadas antes do 25 de abril de 1974. Em entrevista, Joana Fonseca Fernandes, presidente da ATARP, destaca os 55 anos de história da associação, o impacto transformador na formação e inovação dos profissionais de Radiologia, Radioterapia e Medicina Nuclear, e os desafios que moldarão o futuro da profissão em Portugal.



Joana Fonseca Fernandes, presidente da ATARP

Perspetiva Atual: Olhando para trás e fazendo um balanço destes 55 anos, quais considera serem os marcos mais importantes na história da associação e como eles moldaram a sua relevância atual no setor da saúde?

Joana Fernandes: A ATARP tem desempenhado um papel essencial na evolução das profissões de Técnico de Radiologia, Radioterapia e Medicina Nuclear. Ao longo destes 55 anos, consolidou-se como uma referência ao promover a formação contínua, defendendo em simultâneo os direitos dos cidadãos.

Entre os marcos mais relevantes destaco a adaptação à evolução tecnológica, com a criação de cursos e eventos que permitem a atualização das competências. Hoje, centenas de profissionais beneficiam destas iniciativas, garantindo práticas de excelência com recurso à mais avançada tecnologia, sempre focados na segurança e qualidade dos cuidados de saúde.

Destaco também a evolução das modalidades de diagnóstico e terapêutica neste mais de meio século, como a tomografia computadorizada, a ressonância magnética, os avanços no tratamento em radioterapia, a tomografia por emissão de positrões e o recurso a novos radiofármacos que exigiram uma atualização constante por parte dos profissionais, tendo as parcerias com a indústria do sector permitido acompanhar estes avanços e dotar os profissionais de ferramentas necessárias para atuar de acordo com as melhores práticas.

A ATARP tem sido um agente de mudança e progresso. A sua relevância atual resulta deste legado de formação, inovação e ética, assegurando que os profissionais são reconhecidos pela competência e impacto positivo na saúde pública.

PA: Com a nova direção que tomou posse em outubro, quais são as principais linhas estratégicas que pretendem implementar para consolidar o papel da ATARP no panorama da saúde em Portugal?

JF: A nova direção da ATARP centra a sua ação na adaptação das profissões à constante evolução tecnológica e às exigências do setor da saúde, tendo definido como principais linhas estratégicas os seguintes pontos:

Atualização das Competências: As competências profissionais mantêm-se inalteradas há mais de 30 anos, um atraso que urge corrigir para garantir que os profissionais atuem alinhados com as inovações mais recentes;

Redefinição das Designações Profissionais: As funções desempenhadas atualmente são mais complexas e exigentes, pelo que os títulos devem refletir essa realidade. É essencial diferenciar especialidades e qualificar devidamente os profissionais;

Regulamentação: O Decreto-Lei 320/99 que reconhecia a necessidade da regulamentação nestas profissões, criando nomeadamente o Conselho Nacional das Profissões, nunca saiu do papel. A tutela nada fez, e volvidos mais de 30 anos (24 anos), é necessário corrigir esta situação e regular de uma vez por todas estas profissões de forma a defender os cidadãos;

Formação Contínua: Um compromisso permanente com a atualização e especialização dos profissionais, elemento crucial para a qualidade dos serviços prestados. Estas linhas estratégicas têm um único objetivo: elevar a profissão, adaptá-la à realidade atual e contribuir para um setor de saúde mais eficiente e seguro;

Aposta na Prevenção: Atualmente só se discute a doença, mas é importante falar e agir sobre a prevenção, de forma a garantir a saúde dos cidadãos, maior qualidade de vida e em simultâneo otimizar recursos, nomeadamente os cuidados de saúde primários.

PA: Qual é e tem sido o verdadeiro impacto da associação nas áreas de Radiologia, Radioterapia e Medicina Nuclear?

JF: O impacto da ATARP tem sido transformador. Como já referi, a associação promove uma cultura de formação contínua e trabalho interdisciplinar, essencial para a adaptação à evolução tecnológica e prestação de cuidados seguros e eficazes. A ATARP criou ainda grupos de trabalho dedicados a diferentes áreas que têm, também, fomentado a aposta na atualização e partilha de conhecimento quer de técnicas diagnósticas, quer ao nível de terapêuticas inovadoras. Para além disso, tem existido uma preocupação crescente com a comunicação com o utente que se tem refletido diretamente na qualidade do diagnóstico e no sucesso terapêutico.

PA: A luta por transformar a associação numa Ordem tem sido uma prioridade ao longo do tempo. Quais os principais desafios enfrentados nesse processo e de que forma é que obterem este reconhecimento pode beneficiar os profissionais da área?

JF: A transformação em Ordem profissional é um objetivo antigo, mas enfrenta desafios, como a falta de reconhecimento político e o não cumprimento e aplicação da legislação existente, que reconhece desde 1999, a necessidade de regulamentação destas áreas, nomeadamente o Decreto-Lei 320/99. Apesar da importância das nossas áreas na prática clínica, em particular pelo risco associado à radiação ionizante, Portugal mantém-se desfasado de outros países europeus onde a profissão já é regulamentada.

“Entre os marcos mais relevantes destaco a adaptação à evolução tecnológica, com a criação de cursos e eventos que permitem a atualização das competências”



“Os sócios são a força motriz da ATARP”

O reconhecimento como Ordem traria benefícios claros, como a regulamentação rigorosa e uma maior proteção dos cidadãos, através do controlo e fiscalização das práticas profissionais. Acreditamos que esta mudança, além de valorizar os profissionais, trará ganhos significativos para a saúde pública.

PA: A formação dos profissionais é uma das áreas-chave da associação. Que iniciativas específicas têm sido desenvolvidas para garantir a contínua atualização e especialização dos seus associados?

JF: A ATARP está a trabalhar na certificação da formação, garantindo a atualização constante dos profissionais e o aumento do valor das suas competências. Esta aposta na formação contribui diretamente para o diagnóstico e terapêutica de excelência, resultando em benefícios claros para os cidadãos e em níveis mais elevados de segurança e qualidade nos cuidados prestados.

Para além disso, anualmente a ATARP promove a organização de congressos, simpósios e/ou webinars e, bianualmente organiza um congresso nacional, que já conta com a vigésima edição, envolvendo profissionais com experiência especializada, academia e indústria. Estes eventos destacam os temas mais pertinentes da atualidade, assim como, aplicações futuras, com vista ao encontro do interesse dos profissionais das três áreas.



PA: Que impacto têm as bolsas e prémios atribuídos, no incentivo à excelência e no desenvolvimento das competências dos profissionais da área?

JF: Os prémios são motores para incentivar o desenvolvimento profissional contínuo e reconhecer o mérito dos profissionais. Estas iniciativas estimulam a inovação e a excelência. O desenvolvimento de competências através da produção científica é essencial para os desafios de qualquer uma das três áreas, quer na promoção dos cuidados prestados, no desempenho e otimização da prática profissional, quer na otimização de procedimentos de proteção radiológica, entre outros.

PA: Como é que a associação fomenta a investigação e a inovação na área em que atua? Existem programas ou parcerias em curso que mereçam ser destacados?

JF: A associação fomenta a investigação através de parcerias estratégicas com a academia e a indústria. Estas colaborações impulsionam o desenvolvimento de soluções inovadoras, permitindo que os profissionais estejam na vanguarda das inovações tecnológicas e científicas, nomeadamente no âmbito da Proteção Radiológica.

PA: Qual tem sido o papel da ATARP na cooperação com instituições de saúde e outras sociedades médicas em Portugal? Existem projetos conjuntos relevantes e vantajosos para a evolução destas áreas?

JF: A ATARP sempre promoveu uma cooperação ativa com instituições de saúde e sociedades, essencial para a partilha de conhecimentos e garantia da qualidade dos serviços de excelência prestados, nomeadamente através de estudos científicos que têm vindo a permitir a redução das doses de exposição dos utentes, uma área que precisa de ser acautelada, especialmente na pediatria. Existem outros projetos conjuntos em curso que, embora ainda não possam ser divulgados, trarão benefícios significativos para a saúde dos cidadãos a médio e longo prazo.

PA: Na visão desta nova direção, quais são os principais desafios e oportunidades que os profissionais ligados à área enfrentarão nos próximos anos?

JF: Os principais desafios residem, naquelas que são as linhas estratégicas de atuação desta direção, nomeadamente a urgente atualização das competências, designações e regulamentação, há muito desatualizadas, como já referi.

Relativamente às oportunidades, temos a integração da inteligência artificial nas nossas áreas, enquanto ferramenta de auxílio, que nos irá permitir ter mais tempo para o utente, apostando assim na prevenção da doença, com diagnósticos precoces que salvam vidas.

“Os prémios são motores para incentivar o desenvolvimento profissional contínuo e reconhecer o mérito dos profissionais.”

“Temos a integração da inteligência artificial nas nossas áreas, enquanto ferramenta de auxílio, que nos irá permitir ter mais tempo para o utente, apostando na prevenção da doença, com diagnósticos precoces que salvam vidas.”

Os profissionais de Radiologia, Radioterapia e Medicina Nuclear terão um papel fundamental na transformação do paradigma da saúde em Portugal.

PA: Qual a importância do associativismo e do envolvimento dos sócios para o futuro das profissões de Radiologia, Radioterapia e Medicina Nuclear?

JF: A ATARP representa mais de meio século de trabalho contínuo em prol dos profissionais e utentes. No entanto, para manter esta missão viva, é crucial o envolvimento dos técnicos através do associativismo. Ser sócio não é apenas um ato simbólico, mas um compromisso ativo com a valorização da profissão, com a defesa de direitos e com a melhoria constante da prática profissional.

Os sócios são a força motriz da ATARP. É através do contributo coletivo que a associação consegue promover formação contínua, estabelecer parcerias estratégicas, fomentar a inovação e lutar pelo reconhecimento político da profissão. Juntos, os profissionais tornam-se mais fortes, mais atualizados e mais bem preparados para enfrentar os desafios do setor.

Ao longo de 55 anos, a ATARP provou que o associativismo é uma ferramenta poderosa de transformação. É fundamental que os Técnicos de Radiologia, Radioterapia e Medicina Nuclear se unam em torno desta causa, pois é através da força dos sócios que a associação continuará a ser uma referência nacional e a garantir a excelência neste setor da saúde.



Núcleo de Gastrenterologia dos Hospitais Distritais

40 Anos de contribuição para a qualidade da Gastrenterologia em Portugal



Em entrevista exclusiva, a presidente do Núcleo de Gastrenterologia dos Hospitais Distritais (NGHD), Dra. Isabel Medeiros, juntamente com um dos organizadores da XXXIX Reunião Anual, Dr. António Curado e o presidente eleito do próximo triénio 2025-2027, Dr. Paulo Caldeira, refletem sobre as conquistas e os marcos que consolidaram o Núcleo como um pilar fundamental na gastrenterologia em Portugal ao longo destes 40 anos, e projetam ainda quais os planos estratégicos para um futuro. Desde a informatização pioneira de relatórios de endoscopia até à formação contínua de profissionais, dá-nos a conhecer os desafios enfrentados e os ambiciosos projetos que moldam o futuro da especialidade.



Mesa de abertura da XXXIX Reunião Anual do NGHD, com o Sr. Bastonário da Ordem dos Médicos

Perspetiva Atual: O Núcleo de Gastrenterologia dos Hospitais Distritais está a celebrar 40 anos de existência. Que balanço faz destes anos e quais consideram serem os marcos mais importantes da sua história?

António Curado: O balanço é francamente positivo porque pode dizer-se que o NGHD cumpriu os seus desígnios iniciais: desenvolver os Serviços de Gastrenterologia dos Hospitais, na altura designados como Distritais; promover a qualidade da Gastrenterologia no todo do território nacional e afirmar os Serviços dos H. Distritais na comunidade gastrenterológica nacional. O NGHD contribuiu decisivamente para a qualidade da Gastrenterologia nacional.

Os principais marcos foram, entre outros, a informatização dos relatórios de endoscopia, na qual o NGHD foi pioneiro, permitindo a criação de uma larga base de dados de endoscopia, e a publicação de livros científicos editados e escritos por membros do Núcleo, dando azo a um protocolo com as Universidades do Minho e da Beira Interior para a sua distribuição entre os alunos.

PA: Nos últimos três anos, sob a liderança da atual Direção, que objetivos destacam como alcançados e que impacto tiveram na prática clínica e na formação dos profissionais?

Isabel Medeiros: Foi mantida com grande sucesso a Reunião Anual, que agrega todos os Hospitais Distritais e seus membros, para actualização de conhecimentos nas áreas mais relevantes e com os profissionais de topo em cada área. São reuniões muito participadas quer pela área médica quer pela enfermagem de gastrenterologia, que mantem um dia para o Curso Anual de Gastrenterologia e Endoscopia Digestiva para Enfermeiros (CAGEDE).

Esta reunião é fundamental na formação dos futuros especialistas em Gastrenterologia, permitindo a apresentação dos seus trabalhos de investigação ou casos clínicos mais desafiantes, para discussão entre pares. O NGHD manteve um forte incentivo à realização de estudos multicêntricos, permitindo um satisfatório retrato de muitas patologias e procedimentos médicos no nosso território.

Efetuamos estudos em parceria com a nossa congénere francesa ANGH, salientando-se a este propósito um estudo sobre a repercussão da pandemia SARS-Cov no diagnóstico do cancro colorectal, pelo atraso na realização de exames endoscópicos ocorrido nesse período.

PA: A XXXIX Reunião Anual, realizada nos dias 29 e 30 de novembro no Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha, foi marcada por momentos de grande relevância. Quais foram os principais destaques deste ano? Pode falar-nos sobre os debates mais marcantes, formações e workshops pré-Congresso realizados?

AC: A Reunião teve por lema os Desafios da Gastrenterologia, pelo que foi possível fazer uma bonita revisão do passado e uma perspetivação do futuro da Gastrenterologia, fosse na eliminação da Hepatite C até 2030, ou no prognóstico do cancro digestivo ou nas técnicas endoscópicas avançadas ou no futuro promissor do tratamento da Doença Inflamatória Intestinal.

A preceder a Reunião houve o Curso Anual de Gastrenterologia e Endoscopia Digestiva para Enfermeiros, com elevada participação, constituindo mais um fator para a afirmação da qualidade da Gastrenterologia nacional.

A par disso decorreu uma animada conferência, agitando ideias sobre as práticas correntes nas salas de endoscopia digestiva no que respeita aos resíduos hospitalares, fazendo-nos refletir sobre a Estratégia global na saúde, alterações climáticas e green endoscopy.

PA: Relativamente aos convidados deste ano, quais foram os nomes nacionais e internacionais em destaque e o que motivou a escolha destes profissionais para o evento?

AC: Todos os ex-presidentes do NGHD foram convidados a participar ativamente na Reunião. Esteve presente o Bastonário da Ordem dos Médicos na Cerimónia de Abertura, Dr. Carlos Cortes, abordando a problemática do exercício da Medicina em Hospitais periféricos. Houve uma Mesa Redonda sobre os Desafios futuros da Formação em Gastrenterologia com a presença do Presidente do Colégio da Especialidade, Prof. Luís Lopes. De destacar também a conferência do Prof. João Queiroz e Melo, precisamente sobre a sustentabilidade ambiental e a endoscopia digestiva. E tivemos o gosto de poder assistir a palestras de convidados estrangeiros (Francisco Martin, da Corunha e Isabelle Rosa-Hezode, de Paris).



Comemoração dos 40 anos do NGHD

PA: A investigação desempenha um papel fundamental na área da saúde e, como tal, gostaríamos de saber qual tem sido o papel do NGHD na formação e investigação em gastroenterologia nos hospitais distritais e se há algum avanço recente que gostariam de destacar?

IM: A direção cessante deu particular atenção à formação médica contínua dos seus sócios, mantendo o patrocínio científico e financeiro a uma Bolsa de Investigação, que premeia o melhor projeto a concurso

O NGHD foi ao encontro da necessidade de apoio à formação dos jovens internos da especialidade, criando uma Bolsa de Estágio, que os apoia na realização de estágios formativos em técnicas endoscópicas, quer em Portugal quer no estrangeiro

Apostou-se igualmente em cursos de formação em áreas carenciadas, considerados essenciais para a aprendizagem clínica e de investigação como foi o curso dedicado a Técnicas de Pesquisa Bibliográfica, que decorreu pela primeira vez este ano e dedicado aos internos mais novos.

Pretende-se alargar estes cursos a outras áreas, estando planeadas outras temáticas para cursos futuros como sejam cursos de Escrita de artigos, estatística ou de avaliação económica – custo-efectividade - da introdução de novos fármacos.

PA: O NGHD é reconhecido pelas suas parcerias estratégicas com outras Instituições de Saúde e Sociedades Médicas. Como é que essas colaborações têm impulsionado o desenvolvimento da gastroenterologia em Portugal?

IM: O NGHD é parceiro das restantes sociedades médicas, particularmente a Sociedade Portuguesa de Gastroenterologia, Sociedade Portuguesa de Endoscopia Digestiva e Associação Portuguesa para o Estudo Fígado contribuindo para a divulgação das melhores práticas. É disso exemplo a promoção e implementação de programas de rastreio do cancro colorectal em muitos hospitais, actualmente a segunda causa de morte por cancro em Portugal.

Vários hospitais pertencentes ao NGHD dão diariamente o seu contributo para o aumento da cobertura geográfica e populacional do rastreio, contribuindo para o diagnóstico precoce deste tumor.

Outro exemplo relevante desta articulação prende-se com a implementação de medidas de microeliminação do Vírus da Hepatite C, em alinhamento com o objectivo da OMS de erradicar a Hepatite C em 2030. Enquadram-se neste âmbito as deslocações de vários médicos do NGHD aos estabelecimentos prisionais e junto das ETET (Equipas Técnicas Especializadas de Tratamento) ou outras organizações de âmbito nacional/regional.

PA: Quais têm sido as principais iniciativas no que diz respeito à prevenção, diagnóstico e tratamento das doenças gastrointestinais, e de que forma os profissionais especializados têm desempenhado um papel crucial na implementação dessas estratégias?

IM: Para além das medidas referentes aos programas de rastreio do cancro colorectal e Hepatite C, dois flagelos em saúde pública, salienta-se o trabalho realizado em estreita colaboração com a Medicina Geral e Familiar (MGF) com a divulgação de orientações sobre as patologias mais frequentes, participação em reuniões de carácter regional e discussão estreita com os colegas de MGF, privilegiando um contacto de proximidade

“Uma instituição como o NGHD tem que ter sempre uma perspetiva de futuro, acompanhar a evolução científica na sua área e promover a ligação e partilha de conhecimento entre os seus associados.”

, muitas vezes mais eficaz na transmissão de conhecimentos e colaboração entre colegas.

PA: Olhando para o futuro, quais são os próximos desafios e projetos ambiciosos que nos possam revelar, para continuarem a deixar a vossa marca na saúde em Portugal?

Paulo Caldeira: Uma instituição como o NGHD tem que ter sempre uma perspetiva de futuro, acompanhar a evolução científica na sua área e promover a ligação e partilha de conhecimento entre os seus associados. Como principais projetos a manter, ou a desenvolver de novo, podemos destacar: Manter a aposta na Reunião Anual do NGHD, pois esta continua a ser o ponto alto da atividade da nossa associação. Procuraremos expandir a reunião e assegurar sempre a existência de 2 cursos satélites, na sequência do que já ocorreu este ano, nomeadamente o curso de enfermagem (CAGEDE) e um curso temático dirigido a internos e jovens especialistas.

Procuraremos também ampliar a atribuição de bolsas de investigação e formação, dirigidas a internos e jovens especialistas. Esta é, talvez, a forma mais nobre que o NGHD possui de expandir o conhecimento científico, melhorar a prática clínica da gastroenterologia e devolver à sua comunidade os fundos que consegue angariar.

Queremos ainda continuar a estimular a produção científica do núcleo, seja retomando da realização de estudos clínicos multicêntricos, de âmbito nacional, seja na publicação de artigos, monografias, ou mesmo livros, com a chancela no NGHD.

Por fim, procuraremos promover, participar ou realizar ações públicas de educação para a saúde, com especial foco na prevenção, rastreio e diagnóstico precoce das doenças do tubo digestivo, fígado e pâncreas. Este tipo de atividade tem estado um pouco arredado das atenções no NGHD, mas consideramos fundamental aumentar a literacia em saúde. O Núcleo pode aproveitar a sua forte implantação em todo o território nacional para, em colaboração com associações e instituições locais, realizar sessões de formação e informação, reproduzíveis em todo o país.



Em primeiro plano, o Presidente eleito do NGHD para o triénio 2025-2027, Dr. Paulo Caldeira

UCARDIO - Centro Clínico Unidade Cardiovascular

23 anos de uma liderança revolucionária na Saúde Cardiovascular



Com 23 anos de história, a UCARDIO – Centro Clínico Unidade Cardiovascular, tornou-se uma referência em cuidados cardiovasculares, combinando inovação tecnológica, excelência clínica e uma abordagem centrada no paciente. Desde a introdução de técnicas pioneiras até à aposta na inteligência artificial, a clínica destaca-se pelo compromisso com a prevenção, diagnóstico e tratamento integrado de doenças de coração. Em entrevista, Jorge Guardado, diretor executivo e clínico, reflete sobre os principais marcos e os desafios do futuro.



Jorge Guardado, diretor executivo e clínico

Perspetiva Atual: A UCARDIO identifica-se como uma clínica que valoriza a “excelência, inovação e talento na busca dos melhores resultados para a saúde dos seus pacientes”. De que forma a clínica tem contribuído para a promoção da saúde cardiovascular, e qual considera ser o papel fundamental no cuidado e prevenção das doenças de coração?

Jorge Guardado: É uma Clínica Cardiovascular Multidisciplinar que presta serviços de prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças cardiovasculares numa perspetiva holística e de proximidade, centrada no doente, através de um cuidado abrangente e integrado. No nosso ADN está um compromisso com a inovação e melhoria contínua dos serviços, para oferecer o melhor diagnóstico e soluções terapêuticas, farmacológicas ou de intervenção e cirurgia cardíaca, permitindo uma estratégia ampla de resposta à doença cardiovascular, por um serviço de proximidade e integrado, caracterizado pelo diagnóstico, tratamentos diferenciados e pela elevada especialização do seu corpo clínico.

Adotamos uma abordagem multidisciplinar, envolvendo uma equipa diversificada e experiente o que nos permite dirigir uma atenção personalizada para cada paciente para monitorizar condições de saúde, aconselhamento sobre prevenção de doenças e promoção de hábitos saudáveis, bem como a gestão da doença cardiovascular.

A UCARDIO demonstra um compromisso com a excelência no atendimento cardiovascular, combinando expertise clínica, tecnologia avançada e uma abordagem centrada no paciente. A clínica não só oferece tratamentos especializados, mas também se esforça para melhorar a consciencialização e prevenção de doenças

cardiovasculares na comunidade através de iniciativas de rastreio e educação, estando presente em múltiplas atividades da sociedade cívica da região.

PA: A UCARDIO está a celebrar 23 anos de atividade. Fazendo um balanço destes anos, quais considera que foram os principais marcos e conquistas que definem a trajetória da instituição?

JG: A UCARDIO nasceu em 2001, demonstrando mais de duas décadas de serviço dedicado à saúde cardiovascular. Estabeleceu-se em Riachos, Torres Novas, posicionando-se como um centro de referência em cardiologia para a região, evoluindo de um consultório de cardiologia para um centro clínico multidisciplinar que abriu portas em março de 2010, indicando um crescimento significativo em termos de serviços e capacidade. Desenvolveu-se como uma Clínica Cardiovascular Multidisciplinar, oferecendo serviços abrangentes de prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças cardiovasculares. Introduziu tecnologias avançadas e diagnósticos especializados, mostrando um compromisso contínuo com a inovação.

A UCARDIO é reconhecida pela sua abordagem de proximidade e serviços integrados indicando uma reputação sólida na comunidade médica e entre os pacientes, tendo desenvolvido uma equipa diversificada e altamente qualificada, permitindo uma abordagem holística à saúde cardiovascular.

Em 2010, fomos o primeiro Centro nacional privado e de ambulatorio, a introduzir a Ecocardiografia de Esforço, tornando-se desde logo a “pedra angular” na abordagem ao diagnóstico e estratificação da condição anatómica e funcional cardíaca. Juntamente com o Professor Carlos Cotrim, responsável do nosso laboratório de Ecocardiografia, somos ao momento atual o Centro com maior volume e experiência nacional nesta técnica,

fisiológica, sem radiação e que permite em “tempo real” ter uma informação objetiva e prática para na orientação e seguimento clínico cardiovascular.

Em 2012, a UCARDIO foi uma das primeiras empresas a obter a certificação ISO 9001:2008 para Sistemas de Gestão de Qualidade, o que garante padrões elevados de atendimento e segurança para os pacientes.

Organizamos anualmente, desde 2016, uma Reunião Clínica (atualmente na sua 9ª edição), demonstrando um compromisso com a educação contínua e a partilha de conhecimentos na área da saúde cardiovascular com a comunidade de profissionais de saúde, atores principais da saúde e sociedade cívica da região.

Desenvolvemos, promovemos e instalamos em 2023, um programa de desfibrilhação automática externa. O objetivo é aumentar a taxa de sobrevivência das vítimas de paragem cardiorrespiratória para valores que podem chegar até aos 74% em certos casos, demonstrando um compromisso com a resposta rápida a emergências cardíacas na nossa Unidade e no espaço público circundante de Riachos assim como no estádio desportivo da localidade onde estamos inseridos.

Também em 2023, elevamos o patamar na nossa atividade na Investigação e certificamos o nosso Centro de Ensaios Clínicos, que está em plena atividade, que traz para junto da nossa população as mais recentes descobertas e tratamentos cardiovasculares, sendo um motor de inovação e retenção de talentos.

Estes marcos e conquistas refletem uma trajetória de crescimento, inovação e compromisso com a excelência em cuidados cardiovasculares. A UCARDIO evoluiu de um simples consultório para um centro clínico inclusivo, centrado no doente, mantendo um foco constante na qualidade dos serviços, na educação médica e na saúde da comunidade.





PA: Sabemos que para além da cardiologia, a clínica dispõe de consultas de diversas especialidades médicas. Quais são as principais especialidades médicas disponíveis e como é que esta diversidade ajuda no tratamento e acompanhamento dos pacientes, especialmente no contexto da saúde cardiovascular?

JG: A UCARDIO oferece uma ampla gama de áreas médicas, incluindo cardiologia, cardiologia de intervenção, angiologia e cirurgia vascular, clínica geral e medicina familiar, endocrinologia, urologia, ginecologia, obstetrícia, reumatologia, neurologia, pneumologia, psiquiatria, medicina do trabalho e medicina interna. Além disso, há uma rede de bem-estar com nutrição e psicologia clínica. Essa diversidade de especialidades permite uma abordagem multidisciplinar, cuidados integrados e acompanhamento contínuo e personalizado, o que é crucial para a saúde cardiovascular, uma vez que a maioria das condições médicas são multidisciplinares e interligadas. Tratamentos avançados para problemas cardiovasculares estão disponíveis através da Cardiologia de Intervenção que permite o tratamento de doenças das artérias e válvulas cardíacas por meio de procedimentos menos invasivos e mais confortáveis, através de cateterismo cardíaco, em comparação com a cirurgia cardíaca tradicional. A abordagem multidisciplinar da UCARDIO em “Heart Team” possibilita uma compreensão global do doente, levando a diagnósticos mais precisos e planos de tratamento mais eficazes, especialmente no complexo campo da saúde cardiovascular.

PA: Sempre com os olhos postos no futuro, a aposta em equipamentos de última geração e tecnologia tem sido um ponto diferencial da UCARDIO. Quais são os avanços mais recentes que têm vindo a ser implementados e de que forma eles beneficiam os pacientes?

JG: O investimento consistentemente em inovação e em equipamentos médicos avançados tem sido uma constante no Grupo UCARDIO. A Tecnologia de vanguarda é combinada com um ambiente acolhedor, proporcionando aos pacientes uma experiência confortável durante os procedimentos médicos. Com os progressos técnicos e farmacológicos, os tratamentos tornaram-se mais eficazes e as intervenções menos invasivas, beneficiando os doentes de procedimentos mais seguros e com menor tempo de recuperação. Monitorização mais eficiente de condições crônicas e cuidados mais personalizados e integrados são outras vantagens. A “cardiologia de proximidade” associada à tecnologia avançada e um corpo clínico diferenciado, posiciona a UCARDIO na vanguarda dos cuidados cardiovasculares em Portugal.

PA: O corpo clínico da UCARDIO é frequentemente destacado pela sua excelência, assim como pela vasta rede

de parceiros. Que critérios e estratégias são adotadas para atrair e reter profissionais de topo e estas parceiras?

JG: A clínica destaca-se pela sua excelência e rigor, atraindo profissionais de alto calibre que procuram trabalhar em ambientes de excelência. A estratégia da empresa centra-se em estabelecer relações duradouras, não apenas com clientes, mas também com os seus colaboradores, profissionais, fornecedores e parceiros. A UCARDIO mantém parcerias com empresas e instituições reconhecidas, como a Affidea e o Hospital Cruz Vermelha Portuguesa, um estímulo para profissionais interessados num ambiente com sólidas conexões no setor da saúde. A clínica investe em projetos de Business Intelligence, demonstrando um compromisso com a mudança, para profissionais de topo que procuram ambientes de trabalho tecnologicamente avançados. Promovemos uma atitude multidisciplinar, colaborando com os diversos profissionais de saúde, para aqueles que valorizam uma visão holística na prestação de cuidados de saúde. A referência a oportunidades de formação contínua, investigação científica e de desenvolvimento profissional, são elementos cruciais para atrair e reter talentos.

PA: No dia 30 de novembro realizou-se a IX Reunião Clínica Anual, sob o lema “Mente Artificial”. O que esteve por detrás da escolha deste tema e quais foram os principais objetivos do evento e os temas mais relevantes?

JG: A Reunião Clínica Anual da UCARDIO é considerada um evento regional de destaque na divulgação da Medicina Cardiovascular, demonstrando sua importância para a comunidade médica, profissionais de saúde e sociedade cívica local, com o patrocínio científico da Ordem dos Médicos e da Sociedade Portuguesa de Cardiologia.

A escolha de “Mente Artificial” como lema da edição de 2024, reflete a atualidade e a crescente importância desse tópico na medicina, particularmente na área cardiovascular, em consequência da transformação digital e da Era da Inteligência Artificial na Saúde. O principal objetivo do evento foi promover um debate sobre temas na interface da Medicina com a Inteligência Artificial, partilhando conhecimento e experiências neste campo.

O programa foi composto por apresentações relacionadas à “Mente Artificial” no contexto da Saúde, com pela “partilha de Saberes e Experiências”.

PA: Relativamente aos convidados deste ano, quais foram os nomes nacionais e internacionais com maior destaque e o que motivou a escolha destes profissionais para o evento?

JG: Estiveram connosco, O Professor Carlos Cotrim, O Professor Hélder Dores, Professor Miguel Nobre Menezes, Dr. Francisco Moscoso Costa, Dr. Bruno Castilho, Dr. Luís Baquero, Dr. Casimiro Ramos, Dr. Fernando Freire, Dr. Luís Miguel Dória, Dr. Rui Caria, Dr. João Silva Marques, Dr. Francisco Soares, Dra. Andreia Carreira, Dr. Pedro Sousa, Dr. Francisco Silva, entre muitas outras personalidades. A sua escolha e convite para a comissão científica foi decidida pelas suas áreas de interesse, experiência e reconhecimento do seu trabalho. Ancoraram enriquecimento e protagonismo para esta edição da Reunião Anual.

PA: Para finalizar, na vossa perspetiva, como esperam que as tecnologias de Inteligência Artificial possam transformar a prática médica no futuro? E quais são os

principais desafios éticos ou técnicos que devemos enfrentar para garantir que sejam usadas de forma segura e eficaz?

JG: A inteligência artificial (IA) está a revolucionar a prática médica de diversas formas. Pode melhorar os diagnósticos ao analisar dados médicos, históricos e fatores de risco, permitindo uma deteção mais precoce e precisa das doenças. Ajuda a desenvolver planos de tratamento mais personalizados. Automatiza tarefas administrativas, aliviando a carga de trabalho dos profissionais de saúde, permitindo que eles se concentrem mais no contacto direto e pessoal. Especialmente em áreas como radiologia e cardiologia, a IA pode aperfeiçoar significativamente a interpretação de exames de imagem. A IA pode vir a identificar e analisar “fatores de risco” e prever o desenvolvimento de doenças, possibilitando intervenções eficazes antes da doença estar instalada. Além disso, a IA pode melhorar a integração e análise de grandes volumes de dados de saúde, facilitando a pesquisa médica e a tomada de decisões clínicas. No entanto, existem desafios éticos e técnicos a serem enfrentados, como a necessidade de proteger a privacidade e a segurança dos dados dos pacientes contra violações cibernéticas, bem como determinar a responsabilidade por eventuais erros cometidos pelos sistemas de IA.

Para garantir o uso seguro e eficaz da IA na medicina, será necessária uma abordagem multidisciplinar, envolvendo profissionais de saúde, especialistas em ética, agentes do desenvolvimento tecnológico, decisores políticos e responsáveis pelo seu enquadramento legal. A educação contínua dos profissionais de saúde sobre o uso da IA e a conscientização dos doentes também serão cruciais neste cenário.

Clínica Médico Dentária Projetamos Sorrisos

A reconstruir sorrisos e a transformar vidas há mais de duas décadas



Com quase 25 anos de história, a clínica **Projetamos Sorrisos**, localizada na cidade do Porto, vai além das tradicionais consultas odontológicas. Sob a liderança do Dr. Abílio Pinha de Almeida, referência em medicina dentária, o espaço é um verdadeiro centro de transformação, que combina inovação tecnológica, cuidado humano e uma abordagem integral que devolve saúde, autoestima e bem-estar aos pacientes. Em entrevista exclusiva, o fundador compartilha os marcos da sua trajetória e reflete sobre os desafios e as conquistas de uma profissão que tem o poder de mudar vidas.



Abílio Pinha de Almeida, diretor clínico da Clínica Médico Dentária Projetamos Sorrisos

Abílio Pinha de Almeida é um dos nomes mais conceituados da odontologia em Portugal. Fundador da clínica **Projetamos Sorrisos**, dedica-se há quase 25 anos à saúde oral, com foco em cirurgia oral e na inovação tecnológica. “A medicina dentária sempre me fascinou pela sua precisão, pela possibilidade de trabalhar com as mãos e pelo envolvimento técnico que exige”, conta o médico.

Após concluir a primeira pós-graduação em Ciências Médico-Legais no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, ingressou como estagiário no Instituto Português de Oncologia (IPO), onde o estágio inicial de seis meses foi estendido por cinco anos, e acabou por lidar com casos complexos que moldaram a sua abordagem profissional. Além disso, decidiu complementar a sua formação com cursos e especialidades adquiridos nos Estados Unidos, Brasil, Croácia, Israel, França, Itália, Espanha, Alemanha e Hungria onde aprendeu com especialistas de renome internacional. “Sempre procurei aprender com os melhores. A medicina dentária é uma área complexa, e só com constante atualização conseguimos oferecer o melhor aos nossos pacientes.”

Entre os seus mentores, destaca o Professor Pinto da Costa, com quem fez a sua primeira pós-graduação, e os Professores Jorge Marinho e Marco Infante, que o guiaram nos campos da cirurgia oral e dos implantes, respetivamente.

O grande passo na carreira veio em 2000, quando decidiu adquirir uma das clínicas dentárias mais antigas do Porto, anteriormente dirigida pelo Dr. Celso Moreira Coelho, fundador da CESPU - Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário. A clínica, que já contava com uma vasta carteira de pacientes, transformou-se num legado reconhecido hoje, pela sua abordagem inovadora e centrada no paciente. “Foi a escolha de assumir algo com tanta história e reputação, e ao mesmo tempo, uma oportunidade única de construir algo maior,” partilha. “Ainda me recordo do primeiro implante que coloquei. Foi um momento muito marcante”, relembra com orgulho. Hoje, a clínica é ponto de referência pela sua forte aposta na tecnologia.

Medicina Dentária Digital

Na **Projetamos Sorrisos**, o recurso a equipamentos de última geração, tanto para diagnóstico como tratamento, mais do que uma prova de inovação, é um compromisso com a prestação do melhor cuidado médico possível.

Abílio Pinha de Almeida afirma que a era digital transformou a odontologia, e explica o porquê de a Medicina Digital ser uma das especializações mais relevantes, para os profissionais que atuam nesta área. “O nosso fluxo de trabalho é todo digital. Atualmente a área digital é um grande avanço e uma grande ajuda, já é algo absolutamente fundamental.” O uso de novas tecnologias no diagnóstico e no planeamento de tratamentos destaca-se como um diferencial crucial entre

“A área digital é um grande avanço e uma grande ajuda, já é algo absolutamente fundamental!”

a medicina dentária tradicional e a praticada na era digital. Equipamentos como scanners, tomógrafos 3D, microscópios e sistemas de sedação consciente distinguem a clínica, garantindo precisão no diagnóstico e eficiência nos tratamentos.

Além da tecnologia de ponta que caracteriza a clínica, o sucesso também está intrinsecamente ligado ao corpo clínico. Quando questionado acerca dos critérios, o diretor é muito claro ao defender que o trabalho em equipa é um dos pilares fundamentais da unidade. “A nossa equipa é pequena, mas muito eficiente. Cada membro foca-se numa área específica, o que garante um nível de especialização difícil de encontrar”, explica. Segundo o diretor, a formação contínua e as especializações dos profissionais são tão importantes quanto os avanços tecnológicos. “Hoje em dia, é impossível acompanhar todas as áreas. Cada um deve especializar-se para oferecer o melhor ao paciente”, afirma. Embora esta abordagem seja amplamente aceite nos dias de hoje, o médico admite que inicialmente enfrentou resistência por parte dos pacientes. “No início, muitos estranhavam ser encaminhados para outros especialistas. Hoje, percebem que o objetivo é oferecer o melhor tratamento possível”, comenta.





Combinando uma equipa altamente qualificada e dedicada, com a mais avançada tecnologia, a Projetamos Sorrisos mantém um compromisso com a excelência, proporcionando tratamentos eficazes e uma experiência diferenciada, para cada paciente.

Prevenção como base da Saúde Oral

Segundo a missão da clínica, mais do que o final do tratamento dentário ser a obtenção de saúde, é a manutenção dos resultados obtidos ao longo da vida, e para isso é necessário existir um programa específico e individualizado de prevenção. Uma boa higiene oral e visitas regulares ao dentista podem evitar complicações graves, como a perda de dentes ou doenças periodontais. “A higiene oral adequada é fundamental. Não basta escovar os dentes várias vezes ao dia, é preciso fazê-lo corretamente. Se uma pessoa fizer uma desatualização, de meio em meio ano, muitas vezes não precisa de tratamentos mais invasivos,” afirma. Para o Dr. Abílio Pinha de Almeida, a medicina dentária deve integrar abordagens inovadoras e complementares, promovendo uma visão integrativa do cuidado à saúde oral, com o máximo de expoente científico.

Além disso, o médico sublinha a ligação direta entre a saúde oral e condições sistémicas como diabetes, doenças cardiovasculares e partos prematuros. “Hoje, é impensável um cardiologista realizar uma cirurgia sem garantir que o paciente não tem infeções dentárias. Tudo está interligado,” explica.

Sem descartar a parte genética, o médico afirma que esta também tem um grande peso na saúde oral, sobretudo na doença periodontal. “Pode levar

à debilidade dos dentes e, depois, consequentemente, à perda dos dentes. Estas pessoas têm que ter obrigatoriamente uma higiene redobrada”.

O Impacto do Sorriso na Autoestima e Bem-Estar

Para o fundador, a filosofia da Clínica Dentária Projetamos Sorrisos é avaliar o paciente como um todo e não simplesmente como uma boca ou um dente. A sua principal missão será sempre satisfazer o paciente, de acordo com as suas necessidades e condições.

O sorriso tem um papel central na qualidade de vida e na autoestima das pessoas, é mais do que um elemento estético. “Muitas pessoas evitam sorrir devido à falta de dentes ou problemas estéticos, não sorriem por vergonha. Quando devolvemos o sorriso a alguém, estamos a devolver confiança e felicidade,” partilha o médico.

Com avanços como facetas dentárias de alta adesão e tratamentos estéticos de última geração, o diretor clínico afirma que é possível criar sorrisos que transformam vidas. “Trabalhar com bons ceramistas, utilizar as técnicas mais modernas e os melhores, materiais do mercado permite-nos oferecer resultados duradouros e esteticamente perfeitos,” destaca.

Quando questionado sobre o futuro, o diretor clínico visualiza um equilíbrio entre saúde e estética. “Acho

“A prevenção é sempre o melhor caminho.”



que vêm pelas duas coisas, mas muito pela estética hoje em dia. Mas vejo isso de forma positiva, porque as pessoas estão cada vez mais preocupadas consigo mesmas.”

Por outro lado, muitos pacientes ainda hesitam em procurar tratamento por medo ou desconhecimento e o médico apela e deixa uma mensagem muito clara: “Não deixe os problemas avançarem. Procurar ajuda cedo pois é menos oneroso e mais benéfico para a saúde em geral. A prevenção é sempre o melhor caminho.”

Na Projetamos Sorrisos, a tecnologia e o cuidado humano caminham lado a lado, criando sorrisos que transformam vidas. Como conclui o Dr. Abílio, “um sorriso não é apenas um sinal de simpatia, é um reflexo de saúde, confiança e felicidade. A nossa missão é criar sorrisos que transformem vidas.”

“Hoje em dia, é impossível acompanhar todas as áreas. Cada um deve especializar-se para oferecer o melhor ao paciente.”



Clínica Médico Dentária
Dr. Abílio Pinha de Almeida

Projetamos sorrisos...
www.projetamossorrisos.pt

Klinica Perioimplantológica Rainha D. Leonor

Uma vida dedicada à inovação na Odontologia



Com mais de três décadas de experiência, a Dra. Susana Perdigoto traçou uma carreira marcada pela formação contínua e pioneirismo na Medicina Dentária. Fundadora da Clínica Perioimplantológica Rainha D. Leonor, destaca-se pela abordagem interdisciplinar e pela implementação de tecnologias avançadas. Em entrevista, a especialista partilha os momentos-chave do seu percurso, as inovações mais recentes e a visão para o futuro da área, sempre com o foco na qualidade de vida dos pacientes.



Dra. Susana Perdigoto

Perspetiva Atual: Para a podermos conhecer melhor, pode-nos contar um pouco sobre o seu currículo e como começou a sua carreira na área da odontologia? Quais foram os momentos-chave que marcaram o seu percurso profissional? Susana Perdigoto: Quando terminei a minha licenciatura há cerca de 30 anos, tive a sorte de poder ficar a laborar com o prof Dr. Pedro Nicolau, que sempre me incentivou a continuar a estudar. Quando criei a minha própria clínica, sozinha num consultório, percebi a importância da formação contínua de um generalista. Dessa forma fiz uma primeira pós-graduação em odontopediatria, depois 2 anos de ortodontia em Madrid. Percebi que teria de melhorar o atendimento na área da Periodontologia que me levou a fazer pós-graduação em Madrid, mas que concluí na universidade de Berna. Tive a sorte de ter como professores o Prof. Lang, Prof. Buser, Prof. Mariano Sanz, Prof. Lindhe, Prof. Juan Jose Aranda, entre outros, que são referências na área. Fui depois até Buenos Aires para o instituto Carranza onde pude aprender um pouco mais com o Prof. Carranza e na Uiversidade de Buenos Aires. De seguida, decidi estudar um pouco de Implantologia, efetuei pós-graduação na área e diversos cursos na Suécia no Branemark Institute, entre outros.

A Ordem dos Médicos Dentistas (OMD), em 2006, abriu o 1º curso de Dor Orofacial com a duração de 1 ano que decidi fazer e completar, e isso abriu novas portas para novos estudos. Sabendo que o bruxismo (hábito que leva o paciente a ranger os dentes de forma rítmica durante o sono ou, durante o dia) poderia causar dano

a estruturas dentárias, a próteses e a implantes, quis saber mais do assunto. Dessa forma, efetuei vários cursos de pós-graduação em Dor Orofacial, Disfunção Temporomandibular. Daí a inscrever-me no mestrado de Dor Orofacial e Disfunção Temporomandibular (DTM) na Faculdade de Medicina em Madrid foi muito rápido. Tive a sorte de ter como professores, a Prof. Maria João Rodrigues, o Prof. Jose Luís de La Hoz, Prof. Juan Mesa, Prof. Cesar de las Peñas, Prof. Gary Heir, Prof. Miguel de Pedro entre muitos outros. Perceber o quanto a genética e a epigenética e o sono estão relacionados com a dor orofacial, fez-me fazer uma pós-graduação em técnicas genéticas na Fac. de Medicina Complutense de Madrid e Mestrado em Distúrbios de Sono na Universidade do País Basco sob a coordenação do Prof. Duran Cantolla. Neste momento além de trabalhar na Clínica Perioimplantológica, terminei o reconhecimento como especialista em DTM no Brasil e estou a fazer o meu doutoramento na Universidade Europeia de Madrid, com o Prof. Miguel de Pedro e em colaboração com o Prof. Dr. Miguel Meira, em alterações epigenéticas e distúrbios de sono. Colaboro na cadeira de terapêutica II nessa mesma Universidade na Pós-graduação em Dor Orofacial, DTM e Sono, e continuo a fazer parte da equipa do Prof. Eduardo Januzzi. Colaboro também com a CESPU na formação em cronobiologia e Medicina do Sono. Coordenada pelo Prof. Dr. Miguel Meira e com a Academia Europeia de Medicina do Sono (EADSM)- Presidida pela Prof. Dr. Susana Falardo, no âmbito da formação continua.

Perspetiva Atual: Que formações realizou ao longo da sua carreira e de que forma estas contribuíram para a sua evolução profissional? Há alguma formação que considere ter sido especialmente marcante ou transformadora na sua trajetória?

“A clínica tem diversos médicos colaboradores altamente diferenciados, nas diversas valências na medicina dentária, assim como as tecnologias mais recentes.”

SP: A minha linha de investigação atual decorre dos mestrados anteriores em DTM e distúrbios de Sono e da pós-graduação em genética. Penso que a sua realização abriu portas para uma paixão.

Entretanto fiz certificação em Medicina Dental del Sueño pela Federação Espanhola (SEMDES) e sou certificada também pela Academia Europeia (EADSM). Poder intervir e trabalhar de mãos dadas com o meu marido João Adriano Esteves, fisioterapeuta pós-graduado e um viado estudante na área, é gratificante e fundamental para melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

Perspetiva Atual: A Clínica Perioimplantológica Rainha D. Leonor, reconhecida nas áreas da Implantologia, Periodontologia e Reabilitação Oral Fixa, Medicina de sono, Dor Orofacial e Disfunção Temporo Mandibular tem-se destacado sempre pela inovação. Como foi o processo de evolução da clínica desde a sua criação, até aos dias de hoje? Quais os marcos mais importantes desta jornada?

SP: Na clínica vemos o paciente como um todo. Temos sempre presente a relação da saúde oral do paciente com outras condições de saúde.

A certificação europeia em medicina dental do sono e a certificação espanhola em Medicina Dental do sono, permitem-me perceber nos casos da apneia de sono do adulto ou da criança a sua correlação com a patologia oral, crescimento craniofacial e como podemos agir nestas condições na melhoria da qualidade de vida dos pacientes.

O sono tem um papel importante na manutenção da saúde do corpo e da mente. É durante o sono que acontecem as principais funções restauradoras, tais como: a reposição energética e hormonal, a reconstituição tecidual e a síntese de proteínas. Uma boa noite de sono auxilia na redução de doenças cardiovasculares e diabetes, fortalece imunidade, ajuda a manter um peso corporal saudável, a consolidar a memória e a regular o humor. A terapêutica mais eficaz, nos casos graves é o uso de CPAP (administração de ar por meio de uma máscara ligada a um aparelho), em caso de recusa de um CPAP ou em casos leves a moderados, a opção terapêutica ideal é o uso de dispositivos intraorais ou dispositivos de avanço mandibular (DAM) durante a noite. Os DAM, são confeccionados por medida e preparados por Médicos Dentistas, com formação em medicina do sono e provocam o reposicionamento da mandíbula e da língua, mantendo a via aérea superior desobstruída, não são invasivos, são fáceis de transportar e a sua utilização é cómoda. Podem ser usados simultaneamente com um CPAP.

A introdução de medidas higieno-dietéticas, higiene do sono (não usar ecrãs luminosos antes de dormir, não consumir álcool à noite, ter horários regulares de sono, etc...), exercícios mio funcionais e fisioterapia, são medidas complementares que deveriam ser implementadas em todos os pacientes independentemente do grau de gravidade da apneia. No caso de apneias posicionais o uso de aparelhos posicionadores simples pode ser eficaz ou complementar a terapêutica.

Cerca 10% das crianças podem apresentar transtornos respiratórios de sono, 7 a 15 % ressonam de forma habitual (mais de 3 vezes por semana ou em 50% das noites) e 1 a 5% das crianças apresenta síndrome de apneia obstrutiva do sono, sendo estes os transtornos mais comuns. Estes transtornos podem ocorrer em crianças entre os 2 e 6 anos com hipertrofia de amígdalas e adenoides, em crianças obesas até maior idade ou em crianças com outros síndromes como a síndrome de Down. O ressonar habitual numa criança não é inócuo e causa perturbação da arquitetura do sono (sono profundo NREM e sono REM). Os pais reconhecem muitas vezes o sono inquieto do filho. Ao não ter um sono descansado a criança tem um sono não reparador com consequências a médio – longo prazo. Numa criança o ressonar habitual e a apneia do sono, estão associados a transtornos neuro cognitivos como falta de atenção, hiperatividade, irritabilidade e problemas no rendimento escolar, sendo muitas vezes estes sintomas confundidos com défice de atenção e hiperatividade. Temos particular atenção também com o bruxismo e a sua correlação entre patologias sistémicas e saúde oral, relação entre patologias cardiovasculares, diabetes e a sua relação com a patologia periodontal.

A clínica tem diversos médicos colaboradores altamente diferenciados, nas diversas valências afetas à medicina dentária assim como as tecnologias mais recentes na área como Tomografia Computadorizada de Cone Beam (CBCT), toda a radiologia digitalizada como digitalizadores e programa de planeamento de casos em 3D, Centrífugas e métodos de obter derivados de sangue ricos em fatores de crescimento que usamos em cirurgia como também para o tratamento regenerador das articulações com alterações degenerativas dos nossos pacientes, com os mais recentes protocolos, baseados em evidência científica.



“Para mim é fundamental alguém que queira perceber o que se sabe de novo em relação aos mais diversos temas na nossa área, e que goste de trabalhar de forma interdisciplinar”

Dispomos também de microscópio e lupas de aumento e técnicas de endodontia mecanizadas. Quanto à Periodontologia, dispomos de sondas flórida para realização de periodontogramas com pressão controlada, estudos microbiológicos e genéticos dos nossos pacientes e laser, que pode ser usado em outras áreas da medicina dentária como a dor orofacial. Por falta de espaço nas instalações, não temos laboratório de prótese interno, mas colaboramos com laboratórios em fluxo digital. O facto mais marcante, foi passar do analógico para o digital, para mim ainda um pouco difícil que venho da era analógica, mas compreendo que inovar é sempre fundamental.

Perspetiva Atual: Em termos de corpo clínico, pode revelar-nos como seleciona os profissionais para integrar a equipa da clínica? O que considera essencial para garantir a qualidade e a excelência dos serviços prestados?

SP: Vejo o currículo e a capacidade de trabalhar em equipa. Para mim é fundamental alguém que queira perceber o que se sabe de novo em relação aos mais diversos temas na nossa área de intervenção como bruxismo, sono e disfunção temporomandibular, e quando devem ser encaminhados os pacientes. Alguém que goste de trabalhar de forma interdisciplinar.

Perspetiva Atual: Quais os tratamentos mais inovadores que tem sido implementado recentemente na sua clínica? Há algum em particular que gostaria de

destacar pelos resultados alcançados ou pelo impacto na experiência dos pacientes?

SP: O facto de poder contar com a realização de artrocentese das articulações temporomandibulares, a biosuplementação do compartimento inferior da ATM e poder aceder aos dois compartimentos articulares além de todas as patologias conservadoras, no tratamento da DTM é uma mais-valia. Tal só é possível com conhecimentos adquiridos e tecnologia de ponta. Poder contar com fisioterapeuta competente na área para atuação imediata é uma vantagem enorme.

Os testes genéticos, seja para entendermos farmacogenética dos pacientes poli-medicados, pacientes de dor orofacial, pacientes vulneráveis que tenham geralmente vários efeitos secundários ou ainda para caracterização de diversas enfermidades, também é muito importante. No entanto muitos dos pacientes quando nos procuram pretendem uma saúde periodontal de excelência ou ortodontia ou simplesmente fazer restaurações, e temos todas essas valências mais comuns, que qualquer clínica oferece.

Perspetiva Atual: Por fim, olhando para o futuro da odontologia, na sua opinião, quais tendências ou inovações acredita que irão moldar o futuro da sua área de especialização e como é que a clínica se prepara para esses desafios?

SP: Para mim o trabalho interdisciplinar é a chave do sucesso. Poder contar na área da Medicina do Sono com pneumologistas, otorrinos e outros colegas com formação atualizada em medicina do sono e dor, tem sido uma tarefa constante. É fundamental aliar os Aparelhos de Avanço Mandibular, a Terapia Mio-funcional, a Nutrição e todos os tratamentos multidisciplinares que atualmente se consideram necessários para poder reabilitar um paciente com distúrbios de sono. Tratar um paciente com Apneia do Sono, não passa só pela colocação de CPAP (máquina de pressão contínua). A evidência científica demonstra, assim como os documentos de consensos de 2021, que a terapia interdisciplinar é fundamental. Quanto às inovações que passarão pela inteligência artificial, teremos métodos de diagnósticos mais eficazes, e na clínica, com toda a certeza, a caracterização epigenética de distúrbios de sono e alterações cardiometabólicas.

Centro de Senologia e Ecografia (CSE)

Novos e velhos desafios no diagnóstico do cancro da mama

O grande aumento da incidência do cancro da mama nos últimos anos, também nas mulheres com menos de 50 anos, torna cada vez mais importante, o diagnóstico precoce e a consciencialização das mulheres e profissionais de saúde para esta realidade. Por outro lado, o aumento da esperança de vida, torna importante que esse diagnóstico precoce abranja também pessoas mais velhas. Os governos e, sobretudo, os Programas de Rastreio, estão atentos a esta realidade, diminuindo para 45 anos e aumentando para 74 anos respetivamente as idades com que as mulheres são convocadas para o Rastreio do Cancro da Mama.



José Leão

O Centro de Senologia e Ecografia foi fundado em 1983, em Coimbra, pelos médicos radiologistas Dário Cruz e José Meireles e Silva. Está nas presentes instalações, da Avenida Calouste Gulbenkian, em Coimbra, desde 1990.

Dário Cruz (1933-2016), natural de Trás-os-Montes, licenciado em Medicina, na Universidade de Coimbra em 1958, obteve o título de especialista em Radiologia em 1966. Foi pioneiro, em Portugal, da Mamografia, datando a 1966 a sua primeira publicação científica sobre o tema. Durante 24 anos foi diretor do Departamento de Radiologia de Coimbra, exercendo também as funções de diretor do Centro de Oncologia do IPOFG - Instituto Português Oncologia do Porto Francisco Gentil. Conjuntamente com o médico Rocha Alves, em 1990, iniciou o Programa de Rastreio de Cancro da Mama da Liga Portuguesa contra o Cancro, na região Centro, sendo este o primeiro em Portugal e integrou o primeiro projeto piloto da União Europeia. Vários médicos do Centro de Senologia e Ecografia colaboram no rastreio do cancro da mama, alguns desde a primeira hora, como radiologistas. A Liga Portuguesa Contra o Cancro criou um Prémio de Mérito em Oncologia com o nome de Dário Cruz.

Desde 1983 até ao seu falecimento, em 2016, Dário Cruz foi diretor técnico e sócio-gerente do Centro de Senologia e Ecografia.

O atual diretor clínico do Centro, José Leão, realça o legado de Dário Cruz, como exemplo de rigor, experiência, conhecimento científico e aposta na tecnologia mais recente, tanto neste Centro, como no Rastreio do Cancro da Mama e no Centro de Oncologia do IPO, nos quais José Leão também colaborou.

O CSE tem atualmente quatro sócios, todos médicos radiologistas: José Leão, Elisabete Pinto, Luís Cruz e Manuela Gonçalo, sendo a última responsável pelo Setor de Mamografia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. Além destes, colaboram mais três médicos, com vasta experiência em várias áreas da radiologia, especialmente em várias vertentes da ecografia, que são Artur Costa, Pedro Rabaça e Olga Vaz.

O Centro de Senologia e Ecografia foi pioneiro na introdução da tecnologia de Sistemas de Comunicação e Arquivamento de Imagens (PACS), em consultórios privados de radiologia. Todos os relatórios estão informatizados e disponíveis desde 1990. A aposta num arquivo digital permite, desde 2009, que todos os exames estejam disponíveis para comparação.

O CSE foi dos primeiros espaços de saúde a ter disponíveis tanto a Mamografia Digital como a Tomossíntese Mamária (Mamografia 3D), esta última melhorando muito a performance da mamografia, especialmente em mamas mais densas, de predomínio fibroso. Atualmente tem disponíveis 2 modernos mamógrafos, ambos com Tomossíntese, um da Fujifilm e outro da Hologic.

O espaço é também um dos primeiros, e ainda dos poucos, centros privados com possibilidade de efetuar biópsias mamárias guiadas por mamografia (estereotáxia). As três salas de consulta/exames estão equipadas com estações de trabalho de alta resolução (ecrãs com 5

“Brevemente a utilização da IA no auxílio ao diagnóstico será uma realidade, também a implementar no Centro.”

milhões de píxeis), homologados para a imagem mamográfica.

O Centro possui três modernos aparelhos de ecografia, com todo o tipo de sondas, nomeadamente endocavitárias, permitindo todos estes a realização de estudos com Dópler e um com elastografia. Está igualmente equipado com um equipamento de densitometria óssea, com a tecnologia mais recente.

Realizam-se todas as técnicas de intervenção em patologia mamária (citologias e biópsias guiadas por ecografia e estereotáxia, galactografias, colocação de arpoes e cliques) e tiróide (citologias).

Há alguns anos foi realizado, no CSE, um ensaio com um sistema computadorizado de ajuda ao diagnóstico (CAD). Atualmente o Rastreio de Cancro da Mama tem em curso um ensaio com Inteligência Artificial (IA), com resultados promissores. José Leão pensa que brevemente a utilização da IA no auxílio ao diagnóstico será uma realidade, também a implementar no centro.

O Centro de Senologia e Ecografia comemorou 40 anos em 2023 e pretende continuar a oferecer um serviço de qualidade.

“José Leão, realça o legado de Dário Cruz, como exemplo de rigor, experiência, conhecimento científico e aposta na tecnologia mais recente.”





A importância do Diagnóstico Precoce

Além de outros avanços, nomeadamente no tratamento, o médico faz questão de realçar que o diagnóstico precoce tem um impacto comprovado na redução da mortalidade por cancro da mama. Desde 1990 até 2016, o Rastreio populacional, em Portugal, começava aos 45 anos. Passou para os 50 anos em 2017, o que foi nessa altura considerado, pelos radiologistas ligados ao Rastreio, um erro. Vai voltar aos 45 anos por sugestão de um Diretiva Europeia, dirigida aos estados-membros, de setembro de 2022.

O rastreio populacional é dirigido a mulheres aparentemente saudáveis. As mulheres com queixas mamárias devem ser encaminhadas para uma consulta de diagnóstico, que inclui observação clínica, exames radiológicos de diagnóstico, após os quais podem ser tomadas outras medidas para esclarecer a situação, como

por exemplo biópsia das lesões encontradas. Para mulheres com elevado risco familiar, como aquelas com mãe ou irmã diagnosticadas com cancro da mama, recomenda-se a realização anual de mamografia e ecografia mamária a partir dos 35-40 anos. Se o cancro foi diagnosticado numa dessas familiares antes dos 40-45 anos, os exames devem iniciar-se 10 anos antes da idade em que o diagnóstico foi feito. Em mulheres muito jovens com mamas extremamente densas, deve-se ponderar a realização de Ressonância Magnética mamária.

Embora o autoexame e a avaliação clínica pelo médico assistente não substituam os métodos de diagnóstico precoce, são práticas essenciais ao longo de toda a vida. Isto é particularmente relevante para mulheres que ainda não atingiram a idade para realizar exames

mamários, para aquelas sem antecedentes relevantes e para quem faz rastreios bienais.

Com um histórico marcado pela excelência e inovação, o CSE segue firme na missão de honrar o legado do seu fundador. Já com mais de 40 anos de atividade, o Centro de Senologia e Ecografia continua comprometido com a independência, ética e constante evolução, oferecendo serviços de alta qualidade, sempre com o objetivo de promover a saúde e o bem-estar da população que serve.

“O rastreio populacional é dirigido a mulheres assintomáticas”



CENTRO DE SENOLOGIA E ECOGRAFIA Dr. Dário Cruz

MAMOGRAFIA

Mamografia Digital-Tomossíntese
Biópsias Estereotáxicas
Galactografia

ECOGRAFIA

Geral
Eco Doppler
Tecidos Moles e Articular
Intra-Cavitária
Punção e Biópsia Ecoguiadas

MÉDICOS RADIOLOGISTAS

J. E. Leão
Elisabete Pinto
Luís Cruz
Manuela Gonçalo
Artur Costa
Pedro Rabaça
Olga Vaz

Clínicas Faria Couto – Ortopedia

Clínicas Faria Couto – Onde a Medicina e o Humanismo se Unem

Dois anos após a sua primeira entrevista à Perspetiva Atual, André Faria Couto regressa para avaliar o percurso percorrido, o presente e os desafios que o futuro reserva. Médico Especialista em Ortopedia, Especialista em Medicina do Trabalho e Pós-Graduado em Medicina Desportiva, relembra como as lesões desportivas que enfrentou na juventude o aproximaram da Ortopedia e Medicina Desportiva como doente, influenciando a escolha da sua carreira. A sua vasta experiência profissional ao longo dos últimos anos, culmina no desenvolvimento de um projeto à sua imagem - as Clínicas Faria Couto.



André Faria Couto

Perspetiva Atual: O que o motivou a investir numa formação tão abrangente, e, acima de tudo, o que o levou a criar um projeto pessoal?

Durante a minha infância e adolescência, o meu contacto com a Medicina restringiu-se ao papel de “Doente”. Recordo-me de consultas rápidas e pouco esclarecedoras, mantendo-se um afastamento entre Médico e Doente. Durante o curso de Medicina, pude conhecer o outro lado da Medicina, humanista e integrativa. Aquando da escolha da especialidade, não houve grandes dúvidas de que Ortopedia seria a opção mais aliciante: especialidade com uma vasta abrangência de patologias, com possibilidade de diferenciação em diversas áreas sobreponíveis à Medicina Desportiva e que me permite exercer atividade cirúrgica, que foi algo que sempre me cativou.

Desde 2018, ano em completei a Especialidade em Cirurgia Ortopédica e Traumatológica, muitos foram os hospitais em que trabalhei e as pessoas que procurei ajudar de forma direta e indireta. Um dos problemas com que me deparei na Medicina atual, foi a limitada

acessibilidade na comunicação com o Médico. A relação de proximidade entre Médico-Doente parece-me essencial e vai para além do espaço físico do consultório. Assim, é importante haver um contacto disponível a qualquer momento ao qual o paciente possa recorrer para esclarecimento de dúvidas relevantes ou agendamento de consulta.



PA: A criação das Clínicas Faria Couto foram uma forma pessoal e direta de humanizar os cuidados com os seus pacientes. Poderia explicar-nos em que consiste o projeto da clínica e qual é o seu principal objetivo?

AFC: O objetivo do projeto é estabelecer a união entre a Medicina e o Humanismo, algo que, na minha opinião, se perdeu aos poucos nos últimos anos. Pretendemos cuidar do paciente da Cabeça aos Pés e criar laços de amizade eternos, atravessando gerações. Queremos criar momentos de felicidade que perdurem de doente em doente, de amigo em amigo. Esse será eternamente o melhor feedback que poderei ter como Médico e o melhor legado que poderei deixar à sociedade.

Com uma equipa médica de excelência, com experiência e diferenciação nas diferentes áreas da Ortopedia, utilizamos as técnicas mais avançadas para proporcionar tratamentos ortopédicos de vanguarda, com a segurança necessária. O nosso compromisso é devolver aos doentes uma mobilidade plena e uma vida ativa, de forma simples, humana e fiável.

Paralelamente, a médio-longo prazo estamos a desenvolver projetos de cariz humanitário, nos países com língua nativa portuguesa (PALOP) no sentido de criar canais de comunicação internacionais que permitam oferecer os nossos cuidados a povos mais desfavorecidos e sem acesso ao atual State of the Art da Medicina Ortopédica e Traumatológica que se pratica em Portugal, que em nada fica atrás tecnicamente e academicamente quando comparado com os restantes países da Europa.

PA: Se tivesse que destacar algo que o fascina, ainda hoje, relativamente à especialidade de Ortopedia e Medicina Desportiva, o que diria que o faz continuar

a trabalhar na procura contínua de crescer e desenvolver projetos como os que referiu?

AFC: Interessante questão, pois a característica mais atrativa da Ortopedia diz respeito exatamente à constante evolução. Hoje já temos inclusive a Inteligência Artificial e a Robotização a ser disseminada por todo o país nesta área. Por outro lado, a tendência temporal é de se tornar cada vez menos invasiva, conseguindo-se manter os ótimos resultados funcionais com cirurgia menos invasiva. É de destacar, neste sentido, a importância do constante desenvolvimento de técnicas como a Artroscopia Minimamente Invasiva, que demonstra um menor risco de fibrose cicatricial extensa, infeção perioperatória e/ou perdas hemáticas. A recuperação pós-operatória torna-se mais rápida e confortável.

Ao longo da minha formação, procurei sempre ter os conhecimentos técnicos e científicos mais atuais em cada área.

Os estágios formativos em diversos hospitais de referência nacionais e internacionais, nomeadamente em Barcelona, Madrid, Santander, Lyon, Viena e Londres e a oportunidade de contactar com diferentes Equipas, de diferentes Hospitais, permitiram-me adquirir um fascínio extra pelas subtilezas do membro inferior e cirurgia artroscópica/minimamente invasiva, destacando a envolvimento pessoal com a patologia do Joelho, Tornozelo e Pé.

De salientar que o princípio hipocrático de *Primum non nocere* foi, é, e continuará a ser uma presença constante durante todo o percurso a que nos prestamos: a vontade de “fazer” associada ao ímpeto cirúrgico natural, nunca se sobrepõe à minuciosa avaliação, estudo e discussão com vista à melhor opção perante um problema de saúde. É bastante gratificante para mim, como Médico, poder inovar e tratar o doente à luz da evidência científica mais recente.

“Cuidamos de si da cabeça aos pés e criamos laços de amizade eternos, atravessamos gerações e criamos momentos.”

PA: A Medicina Desportiva continua a ser um dos seus grandes focos. Sente que, atualmente, as diferentes faixas etárias em Portugal têm adotado um estilo de vida mais ativo e integrado a prática desportiva no seu quotidiano?

AFC: O potencial para a saúde que o desporto constitui é uma forma de prevenção de doenças cardiovasculares e metabólicas com grande impacto socioeconómico: a sua prática regular reduz a incidência destas patologias, com ganhos significativos na saúde da população.

A adesão à atividade física tem vindo a aumentar consideravelmente, num contexto pós-epidemia interessante de analisar, onde efetivamente se denota que no geral há uma maior preocupação com a longevidade e qualidade de vida que queremos ter na terceira idade. Há um sentimento global de que a prevenção precoce é fundamental para vivermos sem dor e com qualidade de vida, mesmo que isso implique uma redução na carga horária laboral e exposição a stress/riscos desnecessários ao corpo humano.

A Medicina Desportiva, pela sua multidisciplinaridade, permite-me continuar a criar a ponte com essas áreas – medicina interna, cardiologia desportiva, antropometria, fisiologia do exercício, nutrição ou a prescrição de exercício.

PA: De que forma a sua formação em Medicina do Trabalho contribui para a qualidade de vida e segurança dos seus pacientes?

AFC: Uma elevadíssima percentagem das patologias que levam a uma má qualidade de vida na terceira idade, é resultante da ausência de condições adequadas de higiene e segurança no posto de trabalho, da ausência de formação adequada do trabalhador e/ou por ato negligente deste. Isto acaba por levar ao acontecimento de acidentes de trabalho e a doenças profissionais, que são, na sua maioria, passíveis de correção e prevenção num contexto de proximidade e canal de comunicação amplo com o doente. A capacidade de intervenção na prevenção dos acidentes e doenças laborais da nossa equipa é sem dúvida uma das nossas mais-valias como equipa que procura a excelência na ajuda ao doente / trabalhador.



PA: Sabemos que tem um hobby interessante relacionado com carros clássicos, que de certa forma, também seguiu um caminho muito próprio, criando inclusive um website. Poderia partilhar connosco o que representa para si e o que este projeto oferece?

AFC: A mecânica automóvel, desde cedo, esteve presente no meu percurso, por razões familiares. Esta vivência diária criou em mim uma vontade de em algum momento da minha vida, paralelamente à minha

vocação médica, ter algo onde pudesse reproduzir esta paixão por carros clássicos. Num mercado muito competitivo, onde muitos procuram prestígio e reconhecimento, outros, como nós, estamos apenas a cumprir um sonho e a criar condições para que quem assim o deseje, possa usufruir de um dia diferente, uma viagem temporal, atravessando gerações em carros clássicos de interesse histórico nacional e internacional. Pessoalmente, é algo que me dá bastante satisfação poder concretizar um projeto que desenhava, já há largos anos na minha mente.

O passado pode-nos servir como um ponto de partida para um novo despertar. Quem observa essa dinâmica e aprende com ela, corre o risco de se apaixonar pela história e por tudo aquilo que está guardado no passado. Neste caso, os carros clássicos intemporais e irreproduzíveis. Quem o experimenta, vive uma sensação de nostalgia, combinada com uma reverência à história, com amigos ou com a família.

Os carros antigos permitem-nos uma pequena viagem no tempo. Eles ajudam-nos a manter um ritmo desacelerado e de certa forma, mais leve. É também terapêutico. Quem viveu a infância num carro antigo e tem a alegria de o manter na família, sabe que ele guarda em si pequenas cápsulas do tempo: vejo honestamente este hobby como algo terapêutico para a vida social que nos rodeia atualmente em toda e qualquer área de atividade. Os carros antigos têm um lugar especial na nossa memória afetiva porque proporcionaram reviver muitas vivências e irão permitir criar tantas outras. “Atravessamos gerações, criamos momentos” é o nosso lema, e foi criado a pensar exatamente nesta intemporalidade.

“É muito gratificante poder inovar e tratar o doente à luz da evidência científica mais recente.”

PA: Olhando para o futuro, quais são os seus objetivos profissionais mais ambiciosos? Existe algum sonho profissional que deseja concretizar?

AFC: Pretendo consolidar os meus projetos, com o objetivo final de sempre tratar os doentes com dedicação e humanidade. Pretendo dar o meu contributo na correta prestação de cuidados médicos, e ainda, deixar o meu legado para as gerações futuras.

Num mundo em que o ritmo do desenvolvimento é cada vez maior, tenho plena consciência e convicção que a cada nova etapa, novos desafios se colocam. Mas algo está bem definido: o ato contínuo de estudo e atualização do conhecimento, aliados à humildade profissional e ao respeito pela condição humana, deverão sempre ser o farol.

www.clinicasfariacouto.com

www.classicosfariacouto.com

Contactos: 961030340 • 962509008

E-mail: geral@clinicasfariacouto.com

cirurgias@clinicasfariacouto.com

consultas@clinicasfariacouto.com





we
D
's
A
S

CONGRESSO DA Sociedade Portuguesa DE Anestesiologia

CREATING A LEGACY

21 março 2025
Hotel Hilton Porto Gaia

CURSOS PRÉ-CONGRESSO
19 e 20 de março

Imagem: Ad Médic



Organização



Secretariado



XIU

CONGRESSO
NACIONAL DE
PATOLOGIA
CLÍNICA



**EXPERTISE
EM FOCO**

**O OLHAR DO
PATOLOGISTA NO
DIAGNÓSTICO**

SAVE THE DATE

13.14.15 MARÇO '25
FORUM BRAGA

ORGANIZAÇÃO



SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE PATOLOGIA
CLÍNICA

SECRETARIADO

**SAÚDE
VIRTUAL**

Saiba mais em sppc.com.pt